



CATÓLICA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

LISBOA · PORTO · VISEU

ESTUDO DIACRÓNICO DOS GESTOS DA LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA NOS AÇORES

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em

Mestrado em Língua Gestual Portuguesa e Educação para Surdos

Por

Maria Ema Alberto Gonçalves

Lisboa - 2016



CATÓLICA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

LISBOA·PORTO·VISEU

**ESTUDO DIACRÓNICO DOS GESTOS DA LÍNGUA
GESTUAL PORTUGUESA NOS AÇORES**

**DIACHRONIC STUDY ON PORTUGUESE SIGN
LANGUAGE SIGNS IN AZORES**

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em

Mestrado em Língua Gestual Portuguesa e Educação para Surdos

Por

Maria Ema Alberto Gonçalves

Sob a orientação da Professora Doutora Maria Conceição Medeiros
e da Mestre Mara Moita

Lisboa – 2016

RESUMO

A variação diacrónica das línguas gestuais emergentes tem sido alvo de um crescente interesse por parte da comunidade linguista, uma vez que provê a caracterização da emergência e da evolução das línguas gestuais com novos dados e permite a descrição das estruturas e das regras destas línguas de modalidade visuo-espacial com maior aprofundamento.

Com o objetivo de analisar a variação diacrónica da variedade da LGP nos Açores, este trabalho apresenta uma análise comparativa entre os gestos utilizados atualmente e os gestos atestados na obra “ *A Magia do Silêncio: Como Falar com as Mãos*” (Silva & Funk, 1999). Este estudo comparativo realiza-se através da recolha de 333 gestos produzidos elicitadamente por 10 indivíduos surdos gestuantes açorianos e proficientes em LGP e através de uma análise fonético-fonológica às alterações ocorridas nas categorias fonológicas, nos parâmetros fonológicos e na estrutura silábica nesses mesmos gestos. O presente trabalho inquire também a perceção da comunidade gestuante surda açoriana quanto à variação linguística da sua língua através do preenchimento de um questionário construído para o propósito e respondido por 25 participantes surdos gestuantes.

Os resultados demonstram que a maioria dos gestos analisados sofreram alteração total ou parcial na sua articulação, com predominância na alteração da categoria fonológica configuração, assinalando o papel crítico que esta categoria tem na cristalização dos gestos. A comunidade surda gestuante açoriana parece compreender e acompanhar esta mudança diacrónica, identificando-a como uma transição natural e típica das línguas.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Gestual, Variação Diacrónica, Fonologia, Emergência das Línguas Gestuais; Língua Gestual Portuguesa.

ABSTRACT

The diachronic variation in emergent sign languages arouse great interest from the linguistic community, since this phenomenon provides with new data the characteristics of sign language emergence and allows further description of the structures and the rules of these visuospatial modality languages.

This study aims to analyse the diachronic variation of the LGP variety in the Azores through a comparative analysis of the nowadays signs and attested signs from the book *A Magia do Silêncio: Como Falar com as Mãos* from Silva and Funk (1999). This analysis is carried out by collecting elicited productions of 333 signs by 10 deaf signers from Azores with proficiency in LGP and by phonetically and phonologically analysing the signs considering their phonological categories, phonological parameters and syllabic structures. This research also queries the perception of deaf signers' community from Azores with the diachronic variation of their language. This was studied through a questionnaire developed for the purpose and answered by 25 deaf signers' participants.

The results show that the most analysed signs suffered total or partial change in their articulation, with great predominance in the changing of *handshape* phonological category, noting the critical role that this category has on the crystallization of signs. The deaf signers' community of Azores seems to understand and follow this diachronic change, identifying it as a natural and typical transition of their language.

KEYWORDS: Sign Language, Diachronic Variation, Phonology, Sign Language Emergence; Portuguese Sign Language.

AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos são destinados à orientadora Mestre Mara Susana Pereira Moita e à coorientadora Professora Doutora Maria da Conceição Carvalho Medeiros, e à Universidade Católica Portuguesa.

A elaboração deste trabalho só foi possível com a participação das pessoas membros da comunidade surda que se disponibilizaram para a recolha de filmagens e fotos, a quem eu muito agradeço.

Também agradeço aos surdos da Associação de Surdos da Ilha de São Miguel (ASISM) que se disponibilizaram a preencher os questionários.

Um agradecimento às intérpretes de LGP, que me ajudaram na tradução dos dados em LGP.

Agradeço a todos as pessoas amigas que me apoiaram e me motivaram para terminar a minha dissertação.

Por fim, um agradecimento especial à minha madrinha por todos os conselhos e por tudo o que fez para que eu pudesse realizar este sonho.

Um obrigada à minha mãe que permitiu que eu saísse do Pico e viesse viver para uma comunidade surda e tivesse a oportunidade de estudar.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
1. Língua	3
1.1. Variação Diatópica/ Dialetal	5
1.2. Variação Diacrónica	6
2. Línguas Gestuais	8
2.1. Linguística das Línguas Gestuais e da Língua Gestual Portuguesa	9
2.2. Língua Gestual Portuguesa no Arquipélago dos Açores	17
3. Variação Diacrónica nas Línguas Gestuais	21
PROBLEMA EM ESTUDO	24
METODOLOGIA	25
1. Análise Fonético-Fonológica dos Gestos da LGP no Arquipélago dos Açores	25
1.1. Amostra.....	25
1.2. Instrumento de Recolha de Dados.....	26
1.3. Procedimentos de Recolha de Dados.....	28
1.4. Análise dos Dados	29
2. Questionários	35
2.1. Amostra.....	35
2.2. Instrumentos de Recolha de Dados.....	36
2.3. Procedimentos de Recolha de Dados.....	36
Resultados	37
1. Resultados da Análise fonético-fonológica dos Gestos de LGP no Arquipélago dos Açores	37
1.1. Resultados de Alteração Parcial Fonológica	39
1.2. Resultados de Processos Fonológicos	43
1.3. Resultados de Alterações de Acordo com os Temas	44
2. Resultados dos Questionários	46
DISCUSSÃO	50

1. Análise fonética-fonológica dos gestos de LGP no Arquipélago dos Açores.....	50
1.1. Alteração Parcial Fonológica	51
1.2. Processos Fonológicos	52
1.3. Alterações de Acordo com os Temas	54
2. Questionários	57
3. Limitações Encontradas e Sugestões para Futuros Estudos.....	58
CONCLUSÃO	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	62
APÊNDICES	68
APÊNDICE 1 – CONSENTIMENTO INFORMADO	69
APÊNDICE 2 – INSTRUMENTO PARA ELICITAÇÃO DE GESTOS DE ANIMAIS	72
APÊNDICE 3 - – INSTRUMENTO PARA ELICITAÇÃO DE GESTOS DE ALIMENTOS	75
APÊNDICE 4 – QUESTIONÁRIO	80
ANEXOS	81
ANEXO 1 – LISTA DE CONFIGURAÇÕES DE MOITA ET AL. 2011	83
GESTUÁRIO EM CD.....	

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1. Caracterização da amostra (N=10)	25
Quadro 2. Temas e número de gestos correspondentes.....	27
Quadro 3. Caracterização da amostra que preencheu os questionários (N=25)	36

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Alfabeto Manual de LGP (imagem retirada de Morgado, 2012).....	17
Figura 2. Exemplos de imagens-estímulo apresentadas para a articulação de gestos.	29
Figura 3. Exemplo de Gesto Não Alterado.....	30
Figura 4. Exemplo de Alteração Parcial do Gesto ao nível fonológico.....	31
Figura 5. Exemplo de Alteração Total do Gesto.....	31
Figura 6. Exemplo de Alteração Parcial Silábica através de Adição.....	33
Figura 7. Exemplo de Alteração Parcial Silábica através de Eliminação.....	34
Figura 8. Exemplo de Alteração Parcial Silábica através de Substituição.....	34
Figura 9. Gráfico da Percentagem de Ocorrências dos Gestos com Alteração na sua Articulação e dos Gestos sem Alteração.....	37
Figura 10. Gráfico de Percentagem de Ocorrências de Alteração Total e de Alteração Parcial.....	38
Figura 11. Gráfico de Percentagem de Ocorrências de Alteração Parcial Fonológica, de Alteração Parcial Silábica e da coocorrência de Alteração Parcial Fonológica e Silábica.....	38
Figura 12. Gráfica de Percentagem de Alteração Parcial Fonológica na Configuração e Sem Alteração na Configuração.....	39
Figura 13. Gráfico de Percentagem de gestos com Alteração Parcial Fonológica na Localização e Sem Alteração na Localização.....	39
Figura 14. Gráfico de Percentagem de Gestos com Alteração Parcial Fonológica no Movimento e Sem Alteração no Movimento.....	40
Figura 15. Gráfico de Percentagem de Distribuição de Alterações dos Parâmetros Fonológicos (seleção dos dedos, posição dos dedos e orientação) da Categoria Configuração.....	40
Figura 16. Gráfico de Comparação das Percentagens de Ocorrências de Alterações na Configuração com a Percentagem de Ocorrências de Alterações na Configuração Combinada com Outros Parâmetros Fonológicos.....	41
Figura 17. Gráfico de Comparação das Percentagens de Ocorrências de Alterações na Localização com a Percentagem de Ocorrências de Alterações na Localização Combinada com Outra Categoria Fonológica.....	42
Figura 18. Gráfico de Comparação da Percentagem de ocorrências de Alterações no Movimento com a Percentagem de ocorrências de Alterações no Movimento combinada com outra Categoria Fonológica.....	42
Figura 19. Gráfico de Percentagem de Distribuição dos Processos Fonológicos (Adição, Eliminação e Substituição) presentes nas Alterações Parciais Fonológicas.	43

Figura 20. Gráfico de Distribuição dos Processos Fonológicos (Adição, Eliminação e Substituição) ocorridos em Alterações Parciais Silábicas.....	43
Figura 21. Gráfico de Percentagem de ocorrências em que M2 foi eliminada e/ou adicionada.....	44
Figura 22. Gráfico de Comparação da Percentagem de Alterações e Não Alterações nos Temas.....	45
Figura 23. Gráfico de Comparação das Percentagens de Alteração Total e de Alteração Parcial nos Temas.....	46
Figura 24. Gráfico de Respostas à Pergunta “Sente que a LGP de agora é diferente de antigamente?”.....	47
Figura 25. Gráfico de Respostas à Pergunta: “Acha que agora há mais gestos/vocabulário do que antigamente?”.....	47
Figura 26. Gráfico de Respostas à Pergunta “Tem mais confiança agora em comunicar em LGP do que antigamente?”.....	48
Figura 27. Gráfico de Respostas à Pergunta: “Acha que os mais jovens têm uma LGP diferente da sua?”.....	48
Figura 28. Gráfico de Respostas à Pergunta “Tem uma boa comunicação em LGP com os mais jovens, ou sente dificuldades de comunicação?”.....	48
Figura 29. Gráfico de Respostas à Pergunta “Sente que a Associação de Surdos da Ilha de S. Miguel (ASISM) promove positivamente a comunicação em LGP entre comunidade surda?.....	49

LISTA DE ABREVIATURAS

ABSL – Língua Gestual Al-Sayid

ASISM – Associação de Surdos da Ilha de São Miguel

ASL – Língua Gestual Americana

CEEA – Centro de Educação Especial dos Açores

EREBAS – Escola Básica Integrada de Arrifes

ISL – Língua Gestual de Israel

LGP – Língua Gestual Portuguesa

LGSTP – Língua Gestual de São Tomé e Príncipe

M1 – Mão Dominante

M2 – Mão Não Dominante

INTRODUÇÃO

Nas últimas duas décadas, a variação diacrónica das línguas gestuais tem sido alvo de grande interesse por parte da comunidade linguista, permitindo um aprofundamento da identificação das estruturas e das regras que constituem estes sistemas linguísticos de modalidade visual-espacial e aperfeiçoando a caracterização da emergência das línguas naturais enquanto sistemas linguísticos universais.

O presente trabalho tem como objetivo a análise da variação diacrónica da Língua Gestual Portuguesa (LGP) no Arquipélago dos Açores, mais especificamente na Ilha de São Miguel. Embora a LGP seja utilizada pela comunidade surda portuguesa do continente há 200 anos, esta língua apenas se introduziu na comunidade surda açoriana há cerca de três décadas. Esta recente introdução em conjunto com a influência da Língua Gestual Americana e Canadiana e com a distância geográfica do Arquipélago dos Açores poderá refletir-se como uma variedade dialetal da LGP em estágio de cristalização.

Neste trabalho analisa-se a variação diacrónica da variedade da LGP nos Açores através de um estudo comparativo entre os gestos atestados na obra publicada *A Magia do Silêncio: Como Falar com as Mãos* (Silva & Funk 1999) e as correspondentes unidades gestuais recolhidas na atualidade, numa análise fonético-fonologia. Para a colheita de dados, recolheram-se produções dos 333 gestos atestados em Silva e Funk (1999) através de produção elicitada. Estas produções foram realizadas por 10 indivíduos surdos gestuantes proficientes em LGP entre os 31 e os 50 anos de idade. Para a análise comparativa entre os gestos atestados em Silva e Funk (1999) e os gestos recolhidos, desenvolveu-se uma análise linguística que identifica e caracteriza as alterações na articulação dos gestos ao nível das categorias fonológicas, parâmetros fonológicos e estrutura silábica. Para apurar a sensibilidade da comunidade gestuante açoriana a esta variação diacrónica dos gestos, criou-se um questionário composto por 19 perguntas realizado por 25 indivíduos surdos gestuantes açorianos entre os 20 e os 60 anos de idade.

Os resultados demonstram que a maioria dos gestos analisados sofreu alterações na sua articulação, tendo muitas vezes sido totalmente substituídos por outros gestos com articulação distinta. A partir da análise é possível verificar também que a categoria fonológica *configuração* é a que mais apresenta variação, em específico na alteração de *seleção de dedos + posição de dedos* e na alteração da *orientação* do articulador, denunciando o seu papel crítico na estabilização da língua gestual.

Através dos questionários concluiu-se que a comunidade surda açoriana tem perceção na mudança diacrónica da sua língua, e os indivíduos com mais idade revelaram ter maior dificuldade em perceber os indivíduos mais jovens, principalmente devido ao aparecimento de novos gestos e de um crescente vocabulário. No entanto, também se concluiu que estes cidadãos mais velhos, ainda que dentro das suas dificuldades, preferem aprender e acompanhar a língua gestual atual, ao inverso, de manter os gestos que caíram em desuso.

Este estudo pretende assim contribuir para o estudo da variação diacrónica das línguas gestuais e para a caracterização linguística da variedade da LGP através da atestação dos novos gestos recolhidos, que serão posteriormente disponibilizados à comunidade surda portuguesa por meio digital.

O presente trabalho está organizado em capítulos. O primeiro capítulo é relativo ao enquadramento teórico e está dividido em três secções. Na primeira apresenta-se o conceito de língua e abordam-se as questões de variação dialetal e diacrónica das línguas. De seguida descreve-se a estrutura linguística das línguas gestuais e da LGP ao nível da fonética-fonologia e apresenta-se a cronologia da LGP nos Arquipélago dos Açores. A última secção trata dos estudos de variação diacrónica das línguas gestuais. O segundo capítulo relaciona-se com o problema em estudo, expondo-se os objetivos de trabalho e o tipo de estudo. O terceiro capítulo corresponde à descrição da metodologia utilizada. No quarto capítulo são apresentados os resultados obtidos, seguidos da sua discussão e conclusão nos capítulos seguintes.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Neste capítulo, abordam-se os conceitos de língua e os fenómenos: variação diatópica e variação diacrónica; apresentam-se as características linguísticas das línguas gestuais, em específico da Língua Gestual Portuguesa e do seu dialeto açoriano. Para além disto, expõem-se os estudos diacrónicos das línguas gestuais e refere-se a emergência destas línguas.

1. Língua

O estudo da linguagem e da língua conhece-se desde a Antiguidade, onde o aparecimento da escrita desencadeou discussões sobre o conceito de língua e a organização da linguagem. É no surgimento do estruturalismo que a língua começa a ser vista como um sistema de signos arbitrários e lineares regulado por regras resultantes da associação dos domínios morfológico, fonológico e sintático, numa proposta de Saussure em 1979 (edição traduzida, Saussure, 2006). Esta descrição incitou o interesse do estudo da língua, enquanto fenómeno linguístico regido por regras de um relacionamento de diferentes módulos gramaticais e enquanto instituição social representativa do pensamento e estabelecida por convenções sociais.

Neste seguimento e numa perspetiva contemporânea, a língua apresenta-se como *“um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos. Expressão da consciência de uma coletividade, a Língua é o meio pelo que ela concebe o mundo que a cerca e sobre ele age.”* (Cunha & Cintra, 1984:1). A língua define-se, assim, como um meio de expressão e de comunicação que pertence a um grupo de pessoas e que permite a esse grupo de indivíduos revelarem os seus conhecimentos, sentimentos e a consciência do mundo que os rodeia.

Esta ferramenta linguística é unicamente utilizada pelo ser humano, através da faculdade inata para a aquisição e desenvolvimento da linguagem (Chomsky, 1994). A linguagem é assim *“um conjunto complexo de processos que são resultados de uma certa atividade psíquica profundamente determinada pela vida social – que torna possível a aquisição e o emprego*

concreto de uma língua qualquer, meio de comunicação entre as pessoas e é adquirido e empregado em concreto numa língua qualquer” (Cunha & Cintra, 1984:1).

A língua é um sistema linguístico que poderá apresentar-se em dois tipos de modalidade: (i) auditivo-oral (línguas orais) e visuomotora (línguas gestuais). Esta última modalidade foi apenas recentemente considerada como um sistema linguístico complexo, tal como as línguas orais, com o estudo de Stokoe em 1960.

Sendo a língua um instrumento da sociedade em constante utilização, tal como os costumes da comunidade, também se altera ao longo do tempo. Portanto, encontra-se sujeita a “*fatores de mudança e a variação que deles decorre faz parte integrante da linguagem humana*” (Ferreira et al.,1996: 479), tornando-se por isso mutável e variável por influência do meio social, da região geográfica, da educação e da cultura.

A esta variação de uso de um ou mais elementos linguísticos distintos para expressar o mesmo conteúdo semântico denomina-se variação linguística. É consensual, na sociedade em geral e na comunidade científica, em particular, que a língua apresente vários tipos de variação linguística que podem ocorrer ao nível da fonética, fonologia, morfologia, sintaxe e semântica (Cunha & Cintra, 1984):

- Variação diatópica/ dialetal: variação linguística condicionada pela localização geográfica.
- Variação diastrática/ socioletal: variação linguística condicionada pelos diferentes códigos de comportamento dos diversos grupos sociais.
- Variação diafásica: variação linguística condicionada pelos diferentes fatores pragmáticos e discursivos.

Desta forma, poder-se-á afirmar que todas as variações da língua são adequadas às necessidades dos falantes.

Os estudos linguísticos demonstram também que uma língua apresenta diversas variações ao longo do tempo, ou seja, variações que se manifestam num ou mais determinados níveis linguísticos (como por exemplo, fonológico, morfológico, sintático, etc.) por consequência de fenómenos linguísticos ou de fenómenos político-sociais. O estudo destas variações linguísticas ao longo do tempo denomina-se variação diacrónica.

1.1. Variação Diatópica/ Dialeto

Por razões político-institucionais, cada país adota a sua língua oficial, assumindo-a como o sistema linguístico a ser utilizado pela comunidade falante do país e a ser ensinado nas escolas, criando-se ferramentas para o seu registo e normalização (dicionários, gramáticas, prontuários, etc.) (Ferreira *et al.*, 1996). Um país poderá ter uma ou mais línguas oficiais.

Verifica-se que a língua de um país assume variações ao longo do território geográfico deste, os chamados dialetos, que apresentam variações do sistema linguístico da língua a que pertencem (Mateus, 2005). Na sua maioria, as variações são consideradas variedades regionais, como sendo “a forma própria com que cada região (e.g. Porto, Lisboa, Algarve, ilhas) fala uma mesma língua, tendo em conta diferenças a nível lexical e diferenças a nível fonético” (Mineiro, 2009: 04).

Entre estas variedades regionais, existe uma que é designada como a variedade padrão, aquela que é transmitida no ensino e utilizada em atos oficiais, apresentando-se como o modelo linguístico a seguir (Cunha & Cintra, 1984). Por outro lado, as variedades dialetais tendem a ser consideradas como variações erróneas e, muitas vezes, associadas a um *status* social baixo. Neste caso, são denominadas “desvios da língua padrão – as aberrações da língua correta *standard*” (Chambers & Trudgill, 1998: 3).

O termo dialeto também designa um sistema linguístico sem representação ortográfica e utilizado em áreas mais isoladas do mundo e, por isso, ainda pouco estudado (Chambers & Trudgill, 1998).

Apesar das diferentes denotações aplicadas ao vocábulo, neste trabalho utilizar-se-á o termo dialeto como uma variedade linguística regional da língua, em conformidade com Cunha e Cintra (1984), e com base na perspetiva de Chambers e Trudgill (1998), de que cada falante fala, pelo menos, um dialeto e que cada um, pelo menos a nível linguístico, é tão importante como os demais.

1.2. Variação Diacrónica

Como mencionado anteriormente, a língua está em permanente alteração. O estudo da modificação linguística ao longo do tempo denomina-se variação diacrónica¹, definindo-se como uma variação de natureza linguística e verificada em sucessivas fases com o decorrer do tempo (numa primeira definição de Saussure, em 1916).

A variação diacrónica não se realiza repentinamente, nem acontece em saltos bruscos, mas, pelo contrário, através dos tempos. Esta variação manifesta-se durante um período de transição, onde se regista a concorrência entre duas ou mais formas (variação sincrónica), acabando uma destas formas por prevalecer (Ferreira *et al.*, 1996). Esta variação pode operacionalizar-se a vários níveis: fonético e fonológico, morfológico, sintático, semântico e lexical. Quando esta variação é devida a fatores geográficos (usos diferentes da língua em regiões diferentes), fala-se de variação diatópica ou dialetal (definida na secção anterior); quando tem a ver com fatores sociais, estamos perante uma variação diastrática. Nos Açores, estas variações na língua na sua modalidade visuo-espacial estão intimamente ligadas à história da educação dos surdos, como podemos ver no ponto 2.

A mudança da linguística no tempo é o núcleo da linguística histórica, uma vez que as principais provas do passado linguístico das línguas orais são os textos escritos: inscrições, manuscritos e textos impressos. Nas línguas gestuais, o estudo diacrónico é ainda recente, e, talvez por isso, ainda não seja referido em estudos de linguística histórica.

¹ A palavra *diacronia* tem origem do grego *diachronos* < *dia* 'através de' + *chronos* 'o tempo', ou seja, 'através do tempo' (Sousa 2006: 25).

Os estudos de linguística histórica das línguas orais têm demonstrado que de todos os tipos de mudanças, as mais estudadas foram as mudanças fonológicas. Os estudos focados nas mudanças linguísticas fonológicas, ao longo do tempo, permite não só padronizar este tipo de mudanças nas várias línguas orais em diferentes épocas², como também possibilitar a caracterização interna e a origem de palavras, a deteção de estrangeirismos e a relação das línguas. Embora a mudança fonológica seja a mais estudada e talvez a mais identificada na história das línguas orais, a variação dos parâmetros morfológicos, sintáticos e semânticos das unidades destas línguas também se têm manifestado ao longo do tempo (Campbell, 1998).

Dada a ausência e escassez de registos das línguas gestuais, os estudos diacrónicos sobre as mudanças linguísticas nestas línguas são ainda raros. Contudo, estudos longitudinais recentes sobre línguas gestuais emergentes têm conseguido encontrar padrões de mudança linguística nesta modalidade da língua (e.g. Senghas, 1995; Kegl *et al.*, 1999; Mineiro *et al.*, em revisão), que possivelmente representarão também os padrões de mudança de mais línguas gestuais. Nestes estudos, a mudança linguística tem sido observada, tendo em conta todas os domínios linguísticos, como poderemos ver no ponto 3.

O estudo da variação diacrónica das línguas permite não só conhecer melhor a estrutura do sistema linguístico em estudo, como também dar conta dos princípios universais das línguas, como o princípio da minimalidade (Chomsky, 1999, versão traduzida de Chomsky 1995). Para a realização deste tipo de estudo diacrónico só é necessário que existam registos representativos da língua em observação.

No presente trabalho, ter-se-á em consideração na sua análise todos os fatores linguísticos e extralinguísticos aqui apresentados que contribuíram para

² A título de exemplo: no Português Antigo foram resolvidos hiatos por via de crase de duas vogais (*ma-a*>*má*, *cre-er*>*crer*), por introdução de um elemento (*ũ-a*>*uma*, *fe-o*> *feio*) ou por ditongos (*mã-o*>*mão*), e que no Português Médio ocorreu uma substituição de *-udo* por *-ido* (*sabudo*>*sabido*, *teudo*>*tido*, *temudo*>*temido*) – exemplos retirados de Mateus (2002).

a mudança linguística da Língua Gestual Portuguesa (doravante LGP) nos Açores.

2. Línguas Gestuais

Durante muito tempo, as línguas gestuais foram consideradas como uma linguagem mímica e rudimentar, sintaticamente codificada à imagem da sintaxe das línguas orais.

É nos anos 60 que esta imagem pantomímica das línguas gestuais é destronada por Stokoe (1960) que comprova cientificamente o carácter linguístico destas línguas, através da observação das unidades mínimas do gesto/palavra na Língua Gestual Americana (ASL). Através de uma comparação de pares mínimos, Stokoe demonstra que os gestos são fonologicamente constituídos por um determinado número de pequenas unidades significantes, tal como se verifica nos sons das línguas orais. Essas pequenas unidades significantes são distribuídas em três categorias fonológicas maiores: configuração, localização e movimento que se associam simultânea e sequencialmente (Sandler, 1989; Sandler & Lillo-Martin, 2006).

O carácter natural da língua gestual é definido pela sua emergência numa comunidade surda, desenvolvendo-se através da comunicação entre as pessoas que ouvem e que não ouvem envolvidas nesta mesma comunidade, ou seja, familiares, amigos, educadores, professores, técnicos e intérpretes. Esta modalidade linguística nasce através da necessidade de comunicação entre e com pessoas surdas, a mesma necessidade comunicativa que espoletou o nascimento das línguas orais.

Iconicidade das Línguas Gestuais

As línguas gestuais distanciam-se das línguas orais não só pela sua modalidade visuoespacial, mas também pelo carácter icónico de algumas unidades lexicais (Frishberg, 1975). Enquanto a iconicidade nas línguas orais é espelhada apenas nas onomatopeias, nas línguas gestuais é um fenómeno de formação de gestos (Taub, 2001; Fisher & van der Hulst, 2011). Segundo

Hocket (1960), os gestos das línguas gestuais dividem-se em dois tipos: (i) gestos icónicos, que apresentam características geométricas semelhantes ao seu significante, e (ii) gestos arbitrários, que não apresentam iconicidade na sua forma.

A literatura sugere que este caráter icónico das línguas gestuais é resultado da modalidade visual destas línguas, revelando-se uma predominância de gestos icónicos nesta modalidade linguística (Pernis *et al.*, 2010). Este fenómeno da iconicidade é complexo, uma vez que os gestos icónicos podem ter complementos que o não são e, muitas vezes, emergem sem que o gestuante se aperceba da sua natureza icónica (Klima & Bellugi, 1979; Taub, 2000).

A emergência de gestos icónicos é uma característica das línguas gestuais emergentes, uma vez que se acredita que estas tenham ainda um sistema linguístico instável. Apesar disto, há a convicção de que o número de gestos icónicos numa língua gestual não tende a diminuir (Taub, 2001).

2.1. Linguística das Línguas Gestuais e da Língua Gestual Portuguesa

Desde o trabalho de Stokoe (1960) que as línguas gestuais começam então a ser observadas como línguas naturais com propriedades universais comuns às línguas orais (Sandler & Lillo-Martin, 2006). Reconhece-se, assim, que as línguas gestuais são sistemas linguísticos com modalidade de produção motora (mãos, face e tronco) e de perceção visual e, por isso, com um sistema fonológico distinto do das línguas orais. A articulação das unidades de gesto/palavra é realizada através de dois articuladores anatomicamente idênticos – as mãos; enquanto nas línguas orais existe apenas um articulador – o aparelho fonador. Por conseguinte, esta caracterização articulatória das línguas gestuais culmina com o seu reconhecimento linguístico na Teoria da Gramática de Chomsky (1995, versão traduzida para português (Chomsky 1999)), aplicando-se o termo “articulatório” às duas modalidades linguísticas em questão, oral e gestual.

Língua Gestual Portuguesa

A Língua Gestual Portuguesa é a língua usada pela maioria dos surdos portugueses e residentes em Portugal, que emergiu naturalmente no seio da comunidade surda portuguesa com a fundação da primeira escola de surdos em Portugal, em 1823 (Morgado, 2012).

No início dos anos 80, a LGP começou a ser investigada, enquanto sistema linguístico, por Prata (1980) e Amaral e colegas (1994) que apresentaram uma análise geral dos aspetos gramaticais da LGP.

Como consequência desta descrição linguística, foi possível apresentar a LGP como uma língua devidamente estruturada gramaticalmente, levando ao seu reconhecimento pela Constituição da República, em 1997, numa altura em que apenas cinco países o tinham feito, a nível mundial. No Diário da República – I Série A – nº 218 – 20/09/1997 na lei constitucional do Artigo 74.º - alínea h) Ensino h), defende-se que se deverá “Proteger e valorizar a língua gestual portuguesa, enquanto expressão cultural e instrumento de acesso à educação e da igualdade de oportunidade”.

Em Portugal, segundo os Censos 2011, responderam à questão sobre dificuldades auditivas, 56 516 642 cidadãos. No entanto, apenas 10 079 531 pessoas, ou seja, 17,83%, foram identificadas como sendo surdas.

Na Região Autónoma dos Açores, estes números rondam 1 322 930 da população açoriana e o número total de surdos é cerca de 233 392 cidadãos, ou seja, 17,64% da população.

Fonologia

Como referido anteriormente, as línguas gestuais apresentam dois articuladores idênticos que podem ocorrer em simultâneo na articulação dos gestos, sendo necessário definir qual o carácter de cada um deles. Stokoe (1960) define a existência de um articulador dominante (mão dominante (M1)) e um articulador não dominante (mão não dominante (M2)) que poderão ser articulados em simultâneo ou não. Posteriormente, Battison (1978) define duas

condições possíveis para a articulação da M2: (1) condição simétrica, em que ambos os articuladores desempenham simétrica e simultaneamente as mesmas categorias fonológicas (configuração, movimento e orientação); (2) condição dominante, em que a M2 tem um caráter passivo, uma vez que assume o papel de localização da articulação e apresenta muitas vezes uma configuração distinta da M1. Esta descrição fonológica foi posteriormente adotada na gramática generativa das línguas gestuais por Sandler (1989) com o modelo Hand-tier.

O articulador M2 é ainda considerado como tendo um papel fraco na articulação do gesto (Brentari, 1990; Brentari e Goldsmith, 1993), uma vez que este articulador não apresenta qualquer autonomia aquando da sua realização simétrica com a M1.

A articulação do gesto é assim constituída por 3 categorias fonológicas: configuração, localização e movimento (Stokoe, 1960). Cada língua gestual tende a utilizar um número limitado de categorias fonológicas possíveis.

Configuração

A configuração é a forma que os articuladores apresentam durante a articulação do gesto. Embora cada língua gestual apresente um número limitado de configurações, estas não são todas utilizadas pelo articulador M2 (e.g. Battison, 1978; Moita, Carmo & Mineiro, 2013). A categoria configuração caracteriza-se por ocorrer em simultaneidade com as restantes categorias (localização e movimento), durante a articulação do gesto (e.g. Liddell & Johnson, 1989; Sandler & Lillo-Martin, 2006). Esta simultaneidade distingue a fonologia das línguas gestuais da linearidade das línguas orais.

A observação dos traços distintivos entre pares mínimos revela a existência de três parâmetros distintos na categoria configuração: seleção de dedos, posição de dedos e orientação da palma da mão. Observa-se que existem contrastivos quanto à posição de dedos, sem que haja alteração na seleção de dedos, refletindo-se numa independência subcategorial do parâmetro posição de dedos em relação à seleção de dedos (como exemplo, os gestos

“RECICLAR” *versus* “MUDAR” em LGP). O parâmetro seleção de dedos é caracterizado pelo papel ativo e passivo dos dedos na articulação dos gestos (Sandler & Lillo-Martin, 2006).

Para a caracterização do terceiro parâmetro da configuração, *orientação*, é necessário definir que existem dois tipos de movimento possíveis de realizar ao longo da articulação do gesto: (i) movimento trajetório, que se define pelo trajeto da mão de uma determinada localização para outra e (ii) o movimento interno, que compreende as alterações na configuração ou alterações na orientação (Liddell & Jonhson, 1989; van der Hulst, 1993). À semelhança com o que acontece com o parâmetro de posição dos dedos, foi observado que a orientação do articulador pode também ser alterada na formação de compostos, sem que tenha ocorrido uma modificação na seleção dos dedos (Sandler & Lillo-Martin, 2006). O parâmetro orientação constitui-se também por um conjunto de traços limitados a cada língua gestual. Conclui-se, portanto, que os parâmetros posição de dedos e orientação são subcategorias independentes do parâmetro seleção dos dedos.

As primeiras configurações encontradas para a LGP foram definidas e apresentadas pelo Gestuário da LGP em 1991, que incluiu na sua primeira edição 13 configurações e na sua 7ª edição (2007) 18 configurações. Amaral e colegas (1994) apresentam mais 12 configurações às 13 primeiras apresentadas pelo gestuário. Estas configurações são próprias da LGP, distinguindo-se do grupo de configurações de outras línguas gestuais. Em 2010, o Dicionário de Língua Gestual Portuguesa apresenta um conjunto de 21 configurações para esta língua.

No mesmo ano de 2010, Carmo (2010), numa dissertação de mestrado sobre a aquisição da LGP, regista um conjunto de 76 configurações. Posteriormente, num projeto de investigação para a modelização de um avatar para a LGP, onde se observou a articulação de um conjunto de gestos, verificou-se um conjunto de 80 configurações que foi ampliado após vários trabalhos com os alunos gestuantes surdos da Licenciatura PRO_LGP da Universidade Católica Portuguesa de Lisboa, resultando num conjunto de 83

configurações (Moita et al., 2011). Assim, para a LGP, verificou-se um total de 83 configurações que, embora necessitem de uma observação mais aprofundada para se definir quais destas configurações serão alofones, constituem a lista de configurações que foi utilizada para a análise dos dados deste trabalho (Anexo 1).

Localização

A localização é o ponto sobre o qual a articulação do gesto ocorre, que normalmente se situa “sobre uma das partes do corpo do gestuante ou no espaço que o envolve” (Moita et al., 2011: 30). Regularmente, o ponto de localização do gesto relaciona-se com o significado deste, verificando-se uma predominância de gestos associados a sentimentos localizados na área do coração e de gestos associados a conceitos cognitivos localizados na área da cabeça.

A categoria localização apresenta-se em dois pontos distintos. O articulador desloca-se de um ponto para o outro na realização dos gestos (Liddell & Johnson, 1989). Embora existam outras abordagens, é nesta perspetiva que se contextualizará a análise deste trabalho.

A localização delinea a categoria movimento; ou seja, o movimento trajetório do articulador que se realiza de uma localização para outra, tendo, por isso, um carácter sequencial.

Para a LGP, a localização foi caracterizada em três áreas primárias para a articulação do gesto (Amaral et al., 1994): (i) partes do corpo; (ii) proximidades do corpo e (iii) articulação da mão dominante.

Não obstante os diversos pontos de localização existentes, na LGP é possível identificar aqueles que são considerados como os locais mais frequentes, nomeadamente, em frente à cabeça, pescoço, tronco e membros superiores, onde poderão ocorrer ou não, pontos de contato (Amaral et al., 1994: 76).

Para a LGP, também já foram discriminadas as áreas de pontos de contacto (ao nível da cabeça, tronco e membros superiores) e de pontos de articulação próximos do corpo (Amaral *et al.*, 1994; Carmo 2010; Moita *et al.*, 2012). Os pontos de articulação referidos têm sido descritos como semelhantes às das outras línguas gestuais (Sandler & Lillo-Martin, 2006).

Estes não serão aqui explorados minuciosamente, uma vez que para a análise dos dados apenas se verificou se a localização do gesto atual é efetivamente distinta da localização do gesto anterior, sem que tenha para isso havido uma identificação específica da do ponto de articulação.

Movimento

O movimento é um trajeto dinâmico entre dois pontos de localização. A categoria movimento apresenta-se com os parâmetros de direção e de modo de articulação, que são limitados para cada língua e têm traços distintivos. Esta categoria marca o núcleo da sílaba (Sandler & Lillo-Martin, 2006).

Para a direção, foram estabelecidos três tipos de trajetórias (reta, diagonal e circular) com quatro sentidos de direção (frente, trás, esquerda e direita). O modo é definido pela forma que o movimento adquire aquando da articulação do gesto com 10 traços (ondular, direito, circular, ziguezague, arco, vertical, horizontal, dedilhado, torcido e friccionado). Embora o modo de articulação seja maioritariamente produzido pelo articulador mão, existem, no entanto, 4 elementos possíveis de articular o modo do movimento (cabeça, braço, mão e dedos). Esta descrição do movimento em LGP proposta por Carmo (2010) é semelhante às das outras línguas gestuais (Sandler & Lillo-Martin, 2006).

No presente estudo, não foram identificadas as alterações ao nível da direção e do modo do movimento. Verificou-se, apenas, se o atual movimento do gesto se diferenciava em algum destes parâmetros do gesto em comparação.

Expressão facial

Outra categoria fonológica a ter em conta é a expressão facial, que além de se poder considerar como um elemento prosódico, também se define como um elemento não manual da estrutura linguística das línguas gestuais (Sandler & Lillo-Martin, 2006; Morais *et al.*, 2011).

Este elemento não manual marca não só a prosódia e a super-articulação do gesto como também se apresenta como morfema modificador do gesto. Através do seu caráter fonológico é possível distinguir pares mínimos na LGP, como por exemplo, PÁSCOA *versus* AMÊNDOA (cf. Morais *et al.*, 2011). Para a LGP, foram identificadas 23 configurações (Carmo, 2010).

Dada a carência de estudos fonológicos em LGP e do caráter fonológico da expressão facial, a análise do presente estudo será baseada no modelo Hand Tier proposto por Sandler (1989) e Sandler e Lillo-Martin (2006).

Sílaba

Tal como as línguas orais, as unidades lexicais das línguas gestuais também são constituídas por sílabas, unidades menores de significado com caráter morfo-fonológico (Sandler, 2008).

A sílaba é marcada pelo movimento que a configuração realiza na articulação do gesto. Esta definição resulta da observação de Brentari e Poizner (1994) aquando da identificação de uma duração temporal distinta entre o movimento da configuração e o movimento de transição entre sílabas.

A sílaba tem como seu núcleo o movimento entre localizações e o movimento interno da configuração na mesma localização (Sandler & Lillo-Martin, 2006). Nas duas línguas estudadas, ASL e Língua Gestual Escocesa (ISL), as unidades lexicais tendem a apresentar-se como monossilábicas e monomorfêmicas ou bimorfêmicas (Sandler, 2008). A estrutura monossilábica parece ser a estrutura predominante nas línguas gestuais (Coulter, 1982).

Segundo Sandler (2008), numa palavra a construção de uma unidade lexical poderá ter quatro tipos de estrutura:

- I. monomorfémica e monossilábica;
- II. monomorfémica e dissilábica;
- III. bimorfémica e monossilábica;
- IV. bimorfémica e dissilábica.

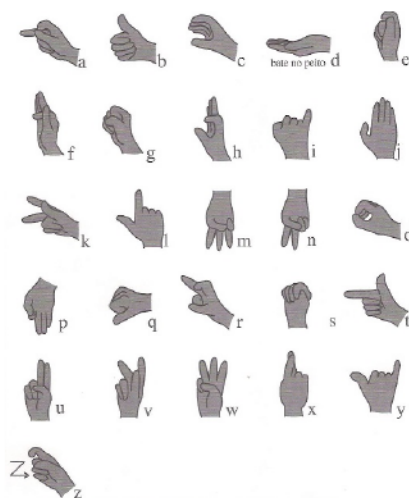
Neste trabalho, não foi considerado o tipo de estrutura morfémica. Os gestos foram apenas analisados ao nível das categorias fonológicas (configuração, localização e movimento) e ao nível da sílaba.

Datilologia da LGP

A datilologia apesar de representar gestualmente o abecedário da língua oral, não deverá ser utilizada como base de comunicação. Ela é um suporte da língua gestual, permitindo a identificação de palavras, às quais ainda não se atribuiu um gesto equivalente, e a indicação de nomes de pessoas ou marcas e topónimos.

A datilologia ou abecedário gestual Português (ou Alfabeto Manual de LGP) apresenta-se com 25 formas representativas das letras do Português Europeu (ver figura 1)

Figura 1. Alfabeto Manual de LGP (imagem retirada de Morgado, 2012)



2.2. Língua Gestual Portuguesa no Arquipélago dos Açores

O início da comunidade surda no Arquipélago dos Açores reporta-se essencialmente ao ano de 1945, quando foi criado o Estabelecimento Dr. Neto de Carvalho do Centro de Educação Especial dos Açores (CEEA)³, em Ponta Delgada. Este estabelecimento de ensino direccionado para surdos acolhia crianças em idade do pré-escolar e/ou do 1º Ciclo, provenientes de todas as ilhas da Região Autónoma dos Açores, em regime de internato.

O facto de as crianças surdas, até à data da criação do CEEA, estarem dispersas pelas várias ilhas, e, por isso, privadas do contacto com os seus pares surdos, resultava num isolamento e na ausência de um sistema linguístico e de desenvolvimento linguístico da população surda. Desta forma, as crianças chegavam à escola sem terem adquirido uma língua materna estruturada, fosse ela oral ou gestual.

Apesar de, na altura, a comunicação da LGP ser proibida dentro da escola e mal vista pela comunidade ouvinte⁴, a reunião destas crianças na mesma

³ O CEEA foi criado em 1945, ao abrigo do Decreto-Lei nº 35 108, obteve autonomia administrativa em 1968, passou para a tutela do Governo Regional em 1978 e foi extinto em 1993 (Medeiros, 2009, pág. 28).

⁴ Este facto não é de estranhar pois desde o Congresso Internacional de Milão em 1880 que se decidiu que a abordagem baseada na língua oral seria a preferida entre todas as outras gestuais no processo educativo dos surdos e esta situação manteve-se por mais de 100 anos.

escola motivou a comunicação entre elas através de uma modalidade linguística mais natural às suas capacidades sensoriais disponíveis. Assim, através de gestos mímicos e outros códigos gestuais, as crianças surdas que frequentavam o estabelecimento Dr. Neto de Carvalho foram desenvolvendo uma linguagem gestual que lhes permitia comunicar e partilhar o conhecimento do mundo. Este tipo de conhecimento comunicativo foi também registado em outras escolas de Portugal e do mundo (Vieira-Ferreira, 2006).

Esta situação de exclusividade da abordagem oralista e proibição da utilização da LGP manteve-se no CEEA até ao ano de 1986. A partir desta data, começou-se a trilhar “paulatinamente, e com muito esforço para derrubar tabus ancestrais da corrente oralista enraizada” (Medeiros, 2009: 28), um caminho de aproximação ao modelo de ensino bilingue.

Esta mudança de paradigma na educação dos surdos no CEEA deveu-se essencialmente à ação da professora Conceição Medeiros que, através de várias ações implementadas junto dos alunos, das suas famílias, dos professores e dos auxiliares de ação educativa contribuiu para que a primeira experiência de educação bilingue surgisse nos Açores em 1989 (embora a legislação para este efeito só fosse criada em Portugal em 1998) e que fosse publicada a obra *A Magia do Silêncio: Como Falar com as Mãos*, com o registo dos gestos utilizados pelos alunos surdos que frequentavam o Estabelecimento Dr. Neto de Carvalho, em 1999.

Para que se compreenda melhor a forma como esta mudança se operou, pois foi determinante para o presente que hoje estamos a investigar neste trabalho, destacamos as ações mais significativas na implementação da utilização da LGP no CEEA:

As posições entre as diferentes abordagens educativas extremaram-se de tal forma que a luta entre os defensores do Oralismo e os do Gestualismo é popularmente conhecida entre os surdos como a “Guerra dos 100 anos” (Lou, 1988, citado em Medeiros, 2009: 27).

Levantamento de gestos utilizados pelos alunos e a sua legitimação, através da descrição, análise⁵, registo e divulgação junto da comunidade educativa e, posteriormente, através da publicação da obra acima referida;

Ensino de gestos da ASL para complementar os existentes, pois os alunos manifestavam uma grande pobreza de vocabulário, especialmente no que se referia a conceitos abstratos:

Formação de monitores de LGP, com a colaboração da Associação Portuguesa de Surdos (APS);

- Implementação de várias edições de Cursos de LGP a pais, professores e auxiliares de ação educativa;
- Formação dos professores do CEEA em Educação Bilingue⁶;
- Sensibilização a toda a comunidade educativa sobre a importância da utilização da LG;
- Participação no Congresso Internacional *Deaf Way*, nos Estados Unidos da América em 1989;
- Criação da Associação de Surdos da Ilha de S. Miguel (ASISM), em 1993;
- Contratação de Intérpretes de LGP para a região em 2001;
- Introdução da tradução em LGP do jornal da tarde e programa Atlântida da RTP Açores, em 2001⁷.

Um outro fator que também influenciou positivamente o incremento da utilização da língua gestual pelos alunos surdos foi a transferência para o

⁵ Esta análise foi feita de acordo com os parâmetros constitutivos dos gestos definidos por Stokoe, 1960; Battison, 1973 (citados em Silva & Funk, 1999: 16).

⁶ Nesta formação, o CEEA contou não só com a ação da professora Conceição Medeiros, mas também com o apoio exterior dos professores: Zenaida Sousa (Rhode Island School for the Deaf), Christina Edenas (Escola Bilingue de Manilla, Suécia) e Sérgio Niza (A-da-Beja).

⁷ De 2008 até 2014, passou a haver a tradução em LGP do jornal da noite e, a partir dessa data até hoje, dos noticiários diretos.

CEEA de uma aluna oriunda do Canadá que era fluente em ASL. Esta ocorrência e as visitas frequentes à escola de uma surda adulta americana que temporariamente viveu em S. Miguel tiveram um impacto substancial nesta comunidade educativa. Por um lado, fizeram com que os alunos surdos começassem a ter orgulho da sua própria língua, por outro, permitiram o desenvolvimento exponencial em termos de comunicação gestual, desenvolvimento cognitivo e aquisição de saberes.

A influência da ASL que ainda hoje se nota em alguns gestos utilizados pela comunidade surda devem-se a este contexto e à circunstância da professora Conceição Medeiros na sua prática letiva junto destes alunos também ter recorrido à ASL, uma vez que ainda não conhecia a LGP⁸.

Portanto, de 1986 até 1993, altura em que o CEEA foi encerrado, de acordo com a política de Educação Inclusiva implementada na região, os alunos que frequentavam o CEEA, as suas famílias e os sócios da Associação de Surdos da Ilha de São Miguel (ASISM), que estava ainda sediada na própria Escola de Ensino Especial, constituíam a comunidade de pessoas surdas mais desenvolvida em termos de comunicação em LGP nos Açores.

Com a implementação do modelo de Educação Inclusiva nos Açores, os alunos foram integrados nas escolas das suas áreas de residência, sem intérpretes, sem LGP na sua matriz curricular⁹, alguns completamente isolados, especialmente no caso daqueles que eram únicos nas unidades orgânicas, o que fez com que, a partir desta data e até à atualidade, a ASISM tivesse um papel essencial na promoção do desenvolvimento linguístico dos surdos da ilha de S. Miguel. Esta associação constituiu-se, assim, como o espaço de convívio da comunidade surda e de implementação de atividades culturais, para além de criar postos de trabalho para alguns jovens/adultos surdos, afetos aos seus variadíssimos projetos.

⁸ A colaboração com a APS só surgiu em 1990.

⁹ À exceção de um grupo de surdos que manteve a formação em LGP no seu currículo, em Ponta Delgada e na Ribeira Grande, na ilha de S. Miguel.

Esta situação manteve-se até 2006, quando se criou uma escola de referência para surdos na Escola Básica Integrada de Arrifes, na ilha de S. Miguel (EREBAS). É nesta escola que a maioria dos surdos da ilha de S. Miguel, em idade escolar, se encontra.

Atualmente, a EREBAS possui três docentes de LGP (um surdo e dois ouvintes), quatro intérpretes de LGP e dois formadores de LGP, surdos e micaelenses. Como os intérpretes e os docentes são continentais, trouxeram também a variedade dos gestos das suas regiões de origem: Coimbra, Porto e Lisboa, fazendo com que a LGP utilizada na EREBAS, na ASISM e na tradução dos telejornais açorianos seja rica de diversidade.

3. Variação Diacrónica nas Línguas Gestuais

Ao contrário das línguas orais que existem há milhares de anos, as línguas gestuais apenas existem há algumas centenas de anos. A sua emergência consagra-se através das necessidades comunicativas de pequenos grupos de pessoas surdas (Woll *et al.*, 2001). A diacronia das línguas gestuais tem sido abordada em estudos de línguas gestuais emergentes, dada a ausência de registo de dados antigos das que apresentam maior longevidade.

Embora a LGP tenha emergido há dois séculos, esta língua só ingressou na vida dos habitantes surdos açorianos nos anos 90 (Vieira-Ferreira, 2006; Medeiros, 2009). Esta recente linha cronológica da LGP nos Açores, em conjunto com a sua insularidade geográfica, torna a LGP como uma língua jovem neste arquipélago e leva à reflexão sobre o fenómeno da estabilização deste sistema linguístico.

As línguas gestuais poderão ser caracterizadas quanto à sua natureza de emergência em dois tipos (Sandler, 2005): (i) “línguas gestuais de vila” - *Village Sign Language* - e (ii) “línguas gestuais da comunidade surda” - *Deaf Community Sign Languages*”. As primeiras, línguas gestuais de vila, correspondem às línguas que emergem numa comunidade surda de uma determinada região geográfica constituída por poucos elementos. Estas línguas surgem e desenvolvem-se naturalmente a partir da necessidade de

comunicação dos surdos. As segundas, línguas gestuais da comunidade surda, emergem de encontros propositados de várias pessoas surdas de diferentes zonas geográficas com o objetivo de fazer emergir um sistema linguístico gestual e de criar condições e práticas educativas para essa população.

Não sendo o objetivo deste trabalho discutir a natureza da emergência da LGP em Portugal, é, no entanto, importante refletir sobre a sua natureza no arquipélago dos Açores. Note-se que esta língua foi inserida e transmitida à população surda que vivia em São Miguel, através de vários encontros com pessoas surdas de diferentes áreas da ilha e mesmo de outras ilhas do arquipélago. Estes encontros visavam, essencialmente, prover um sistema linguístico à comunidade surda e proporcionar-lhe oportunidades educativas. Com a inserção da LGP, ocorre também uma inclusão da ASL e a aceitação de alguns possíveis “gestos de casa” (*home signs*). Assim, a natureza da emergência da LGP no arquipélago dos Açores poderá ser considerada do tipo “línguas gestuais da comunidade surda”, uma vez que nasce de vários encontros desta comunidade, em submersão de formações de LGP e de ASL, embora não se lhe possa retirar a naturalidade própria de um sistema linguístico que apresenta variação.

Na emergência de línguas gestuais tem-se verificado uma articulação abrangente a todas as partes do corpo (Meir & Sandler (2008) na ISL e Mineiro et al. (em submissão) na Língua Gestual de São Tomé e Príncipe (LGSTP)), sem que haja um número limite de articuladores possíveis, ao contrário do que é encontrado nas línguas gestuais estabilizadas (Sandler & Lillo-Martin, 2006). É à medida que a nova língua se estabiliza que esta articulação gestual de grande amplitude se restringe a um número de articuladores limitado, bem como a um número reduzido de possíveis categorias fonológicas (configurações, localizações e movimento). Esta redução e restrição de articuladores e de espaço gestual é um padrão de sistematização das línguas gestuais (Frishberg, 1975).

Numa comparação entre a Língua Gestual Al-Sayid (ABSL), ISL e da ASL, verificou-se que uma das características de mudança diacrónica que distingue

as línguas gestuais emergentes ou novas das línguas gestuais estabilizadas é a variação fonológica. As primeiras parecem apresentar uma maior variação ao nível dos parâmetros das categorias fonológicas (seleção dos dedos e ponto de articulação), enquanto as línguas gestuais já estabilizadas, neste caso a ASL, apresentam variação ao nível fonético, como por exemplo, a abertura ou fechamento dos dedos (Israel, 2009; Israel & Sandler, 2011).

Algumas investigações também têm vindo a demonstrar que as unidades lexicais tendem a apresentar menor variação ao nível fonológico quando o grupo de gestuantes daquela língua é menor (Brentari *et al.*, 2011; Israel & Sandler, 2011), pressupondo-se que a estrutura fonológica é emergente e depende de fatores sociais (Mineiro *et al.*, em submissão) e do tamanho da comunidade gestuante (Meir *et al.*, 2012).

O presente estudo pretende descrever a estabilização da LGP no Açores de forma a contribuir para a descrição fonológica da sistematização das línguas gestuais jovens.

PROBLEMA EM ESTUDO

O tema escolhido por mim para esta dissertação surge da necessidade de compreender as diferenças que a LGP utilizada nos Açores sofreu desde que surgiu na região até à atualidade. O que mudou nesta língua em tão pouco tempo de existência? De que forma determinados gestos antigos foram alterados, evoluíram ou caíram em desuso? Quais foram as características fonológicas mais marcadas por essa alteração? São perguntas que coloquei a mim própria e que no decurso deste estudo procuro responder.

Como ainda não existem estudos de natureza diacrónica em Portugal, considereei pertinente estudar os aspetos que se vão alterando na LGP utilizada pelos surdos dos Açores e contribuir, desta forma, para a compreensão do fenómeno das variações diacrónicas no campo das línguas visuo-espaciais.

Fazendo eu parte da história da implementação da LGP no sistema educativo regional e estando envolvida neste processo desde o início, mais convicta estou da importância de registar as alterações nos gestos utilizados pela comunidade surda a que pertenço, desenvolvendo este estudo comparativo que poderá inspirar a replicação de outros com vista à compreensão do fenómeno da variação das línguas gestuais em Portugal, ao longo dos tempos.

Tipologia do Estudo

O presente estudo decorre num desenho quasi-experimental do tipo descritivo-comparativo, uma vez que foi realizado com uma amostra não probabilística de conveniência com o objetivo de registar, comparar e descrever a evolução dos gestos da LGP nos Açores, tendo em consideração a influência dialetal da região do arquipélago dos Açores.

METODOLOGIA

Este capítulo encontra-se dividido em duas secções. A primeira corresponde à descrição das metodologias adotadas para a recolha e a análise de gestos da LGP no Arquipélago dos Açores (considerados como uma variedade dialetal). A segunda parte diz respeito à criação de um questionário direcionado à Comunidade Surda gestuante de LGP, residente no arquipélago dos Açores.

1. Análise Fonético-Fonológica dos Gestos da LGP no Arquipélago dos Açores

1.1. Amostra

A amostra deste trabalho é constituída por 10 indivíduos surdos (Quadro 1): sete portadores de surdez profunda e três com surdez severa. Destes 10 participantes, um apresenta uma surdez pré-linguística e nove são pós-linguísticos. Os participantes têm entre os 31 e os 50 anos de idade, são residentes na ilha de S. Miguel, à exceção de um que é natural da ilha do Faial. Todos os participantes são filhos de pais ouvintes. No que concerne ao nível da escolaridade, observa-se que um participante completou o Ensino Secundário, seis terminaram o Ensino Básico, um tem o 1º Ciclo e dois não frequentaram o ensino regular. Estes dois últimos frequentaram o ex- Centro de Educação Especial dos Açores (CEEAA). Todos os participantes estão inseridos na comunidade surda, convivendo maioritariamente na Associação de Surdos da Ilha de S. Miguel (ASISM).

Quadro 1. Caracterização da amostra (N=10)

	Sexo		Tipo de Surdez		Surdez		Idade
	M	F	Profunda	Severa	Pré-linguística	Pós-linguística	Média ± DP
Participantes	4	6	7	3	1	9	43 ± 5,3

A seleção dos participantes seguiu os seguintes critérios de inclusão: ter surdez profunda ou severa; ser ex-aluno do CEEA, utilizar a LGP como principal língua de comunicação do dia-a-dia.

O ideal seria ter neste estudo a participação dos mesmos comunicadores/alunos surdos que integraram a primeira investigação sobre a LGP nos Açores, que deu origem ao livro *A Magia do Silêncio: Como Falar com as Mãos* (Silva & Funk, 1999), mas nenhum deles se encontrava a residir nos Açores na altura da recolha de dados, encontrando-se emigrados nos EUA ou no Canadá. Por esta razão, o leque da seleção do público-alvo deste trabalho teve de ser mais abrangente, escolhendo-se outros ex-alunos do Estabelecimento Dr. Neto de Carvalho, do ex-CEEA. Assim, os participantes desta investigação foram selecionados em conformidade com os critérios definidos anteriormente e tendo em conta também a sua frequência na ASISM, o facto de manterem um convívio *continuum* nas diferentes iniciativas desta associação e terem mais experiência enquanto gestuantes, sendo, por isto mesmo, os mais fluentes em LGP.

1.2. Instrumento de Recolha de Dados

O registo e a análise da evolução dos gestos da LGP nos Açores realizaram-se com base em alguns gestos do livro *A Magia do Silêncio: Como Falar com as Mãos* (Silva & Funk, 1999). Esta obra é composta por 500 gestos, 333 dos quais são originários, isto é, criados pela comunidade de alunos surdos açorianos até 1983. Os 116 gestos restantes são gestos influenciados pelas línguas gestuais americana e canadiana.

Para o presente estudo, foram selecionados os 333 gestos regionais, que se encontram devidamente identificados com um (*) na obra. Estes gestos estão agrupados em 31 temas diferentes, definidos pelas autoras do livro (Silva & Funk, 1999) (Quadro 2).

Quadro 2. Temas e número de gestos correspondentes.

	Temas (N=31)	Número de gestos
1	Alimentação	70
2	Animais	36
3	Corpo Humano	16
4	Edifícios	11
5	Escola	1
6	Família	14
7	Género	2
8	Geografia	23
9	Habitação	19
10	Objetos	9
11	Profissão	7
12	Saúde	10
13	Substâncias	4
14	Valores éticos	2
15	Vestuário	21
16	Aspetos físicos	8
17	Cores	11
18	Dimensão	11
19	Economia	4
20	Estados psicológicos	3
21	Gostos	1
22	Verbos	19
23	Lugar	5
24	Modo	5
25	Negação	3
26	Quantidade	2
27	Indefinitos	2
28	Interrogativos	3
29	Pessoais	5
30	Possessivos	5
31	Preposições	1
	TOTAL	333

1.3. Procedimentos de Recolha de Dados

Todos os indivíduos do presente trabalho assinaram o consentimento informado (Apêndice 1), de acordo com a ética da investigação (Lima, 2006), permitindo, desta forma, a análise e a exposição dos gestos articulados.

Os dez participantes deste estudo gestualizaram os 333 gestos selecionados de *A Magia do Silêncio* em dois momentos diferentes. Cada participante teve de gestualizar entre 35 a 38 gestos em cada um destes momentos, o que resultou num total de 70/75 gestos articulados por cada participante.

Para a articulação dos gestos, uma lista de palavras com todos os vocábulos correspondentes aos gestos-alvo do tema selecionado foi apresentada a cada participante. Antes de se iniciar a recolha de dados, confirmou-se se cada gestuante tinha conhecimento de todas as palavras presentes na lista. Sempre que a investigadora verificava que algum vocábulo não era reconhecido graficamente, apresentava uma imagem correspondente, ou dava um exemplo da palavra/gesto-alvo num contexto de utilização, de modo a não influenciar o gesto que naturalmente se pretendia que fosse produzido.

No processo da recolha de dados, como na amostra havia participantes iletrados, a investigadora optou por apresentar todas as palavras/gestos-alvo com imagens correspondentes, numa apresentação em PowerPoint. Ao todo, foram apresentadas a cada participante uma média de 72 imagens. Estas figuras, cujo tamanho era de 10x10cm, eram todas coloridas e foram retiradas do Google. Cada imagem era acompanhada da respetiva palavra escrita na letra "Arial" e com o tamanho 48 (Apêndice 2 e 3). Antes de cada participante responder, a investigadora verificava se o participante tinha ou não compreendido o significado de cada vocábulo/imagem (ver exemplos na Figura 2).

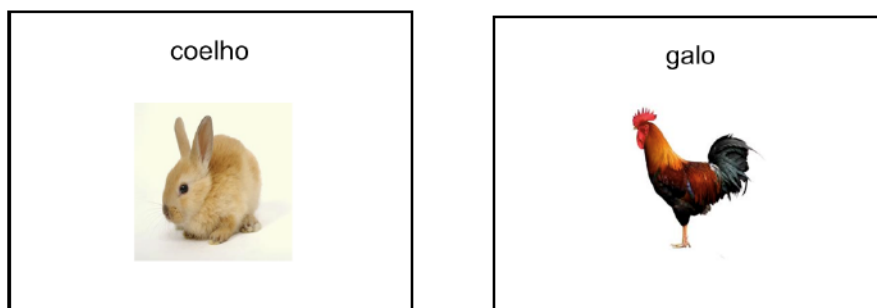


Figura 2. Exemplos de imagens-estímulo apresentadas para a articulação de gestos.

Após a verificação do reconhecimento da lista de palavras/imagens, o participante era gravado, durante a articulação dos gestos correspondentes a um determinado tema, com a orientação da investigadora, que indicava cada palavra/gesto para ser produzida gestualmente. Assim, a cada palavra ou imagem da lista que a investigadora indicava, o participante gesticulava, em pé e de frente para a máquina de filmar.

Os gestos de cada tema foram gravados em vídeo, de forma contínua, através de uma câmara marca “FUJIFILM” Corporation DIGITAL CAMERA FinePx AV250, Nº 1UH93970. A recolha de dados foi sempre efetuada numa sala sem elementos visuais distratores, onde só estavam presentes a investigadora e o participante/gestuarante.

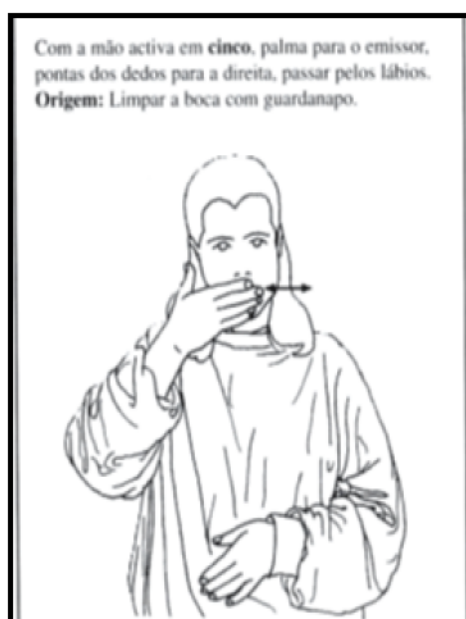
1.4. Análise dos Dados

De forma a isolar a realização de cada gesto, os vídeos foram analisados e editados, extraindo-se o momento correspondente à articulação do gesto. Através desta extração, foi possível a comparação entre os gestos realizados pelos participantes surdos gestuarantes da presente amostra e os gestos descritos em *A Magia do Silêncio: Como Falar com as Mãos* (Silva & Funk, 1999).

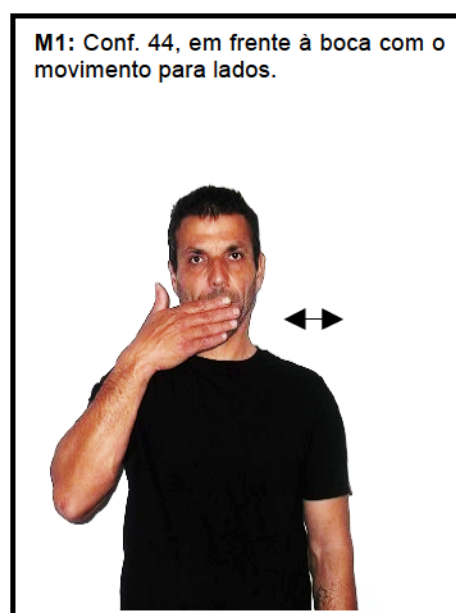
A análise comparativa foi realizada com base na articulação fonológica dos gestos, de acordo com um conjunto de descritores fonético-fonológicos criados para o efeito. Numa primeira fase, procedeu-se à categorização dos gestos, utilizando a seguinte taxionomia:

- (i) Gesto Não Alterado – O gesto não sofre nenhuma alteração; ou seja, a sua realização é idêntica à do livro (Figura 3).
- (ii) Alteração Parcial do Gesto – O gesto alterou-se apenas em alguns elementos fonológicos; isto é, só uma parte do gesto foi alterada (Figura 4).
- (iii) Alteração Total do Gesto – o gesto alterou-se em todos os seus parâmetros fonológicos; isto é, toda a realização do gesto foi alterada. (Figura 5).

Figura 3. Exemplo de Gesto Não Alterado

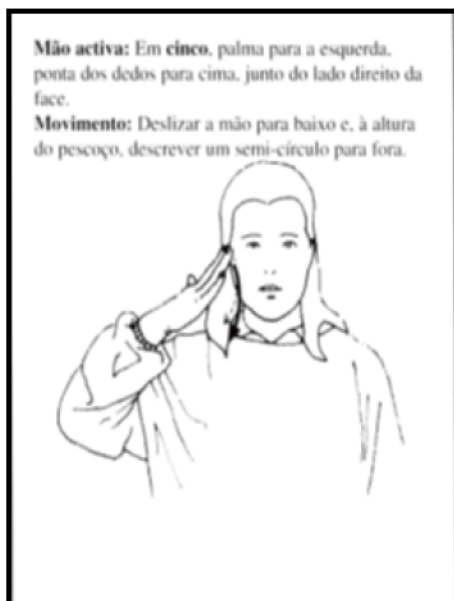


Gesto GUARDANAPO
registado em Silva e Funk



Gesto GUARDANAPO
registado na presente

Figura 4. Exemplo de Alteração Parcial do Gesto ao nível fonológico



Gesto MULHER registado em Silva e Funk (1999).



Gesto MULHER registado na presente investigação.

Figura 5. Exemplo de Alteração Total do Gesto



Gesto GATO registado em Silva e Funk (1999).



Gesto GATO registado na presente investigação.

Subjacente à Alteração Parcial dos Gestos, encontram-se duas possibilidades de alteração:

- (i) Alteração Parcial Fonológica - o gesto foi alterado em uma das suas categorias fonológicas (configuração, localização e/ou movimento) através do processo de adição, eliminação ou substituição.

- (ii) Alteração Parcial Silábica – o gesto foi alterado ao nível da sílaba através do processo de adição, eliminação ou substituição.

Uma vez que tendencialmente os gestos são monossilábicos (Coulter, 1982), a presente análise à alteração parcial silábica não distinguirá se nos casos de alteração silábica se trata de uma segunda sílaba de uma unidade completa ou de uma unidade composta, tratando apenas o gesto ao nível fonológico (Sandler 2008).

Alteração Parcial Fonológica

Para uma descrição detalhada da evolução dos gestos quanto à sua articulação fonológica, procedeu-se à identificação dos elementos fonológicos alterados na articulação, em conformidade com o que é proposto por Sandler e Lillo-Martin (2006):

- (i) Configuração – a forma que a mão (articulada) adquire na realização do gesto.

- (ii) Localização – o local onde o gesto é produzido.

- (iii) Movimento – o movimento da produção do gesto.

Subjacente à categoria da configuração, também foram analisados os parâmetros: seleção dos dedos, posição dos dedos e orientação do articulador.

Em relação ao tipo de processo fonológico ocorrido aquando da alteração da(s) categoria(s) fonológica(s), consideraram-se os seguintes processos fonológicos:

- (i) Adição: a junção de um parâmetro fonológico à articulação do gesto.
- (ii) Eliminação: a omissão de um parâmetro fonológico à articulação do gesto.
- (iii) Substituição: a substituição de um parâmetro fonológico por outro parâmetro fonológico.

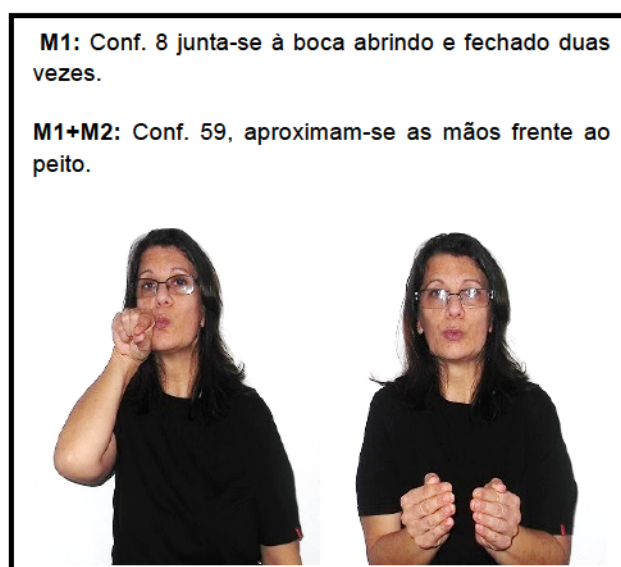
Alteração Parcial Silábica

A análise das alterações ao nível silábico foi baseada na descrição silábica dos gestos de Sandler e Lillo-Martin (2006) e Sandler (2008), através da identificação dos processos fonológicos: adição (Figura 6), eliminação (Figura 7) e substituição (Figura 8).

Figura 6. Exemplo de Alteração Parcial Silábica através de Adição



Gesto PINTO registado em Silva e Funk (1999).

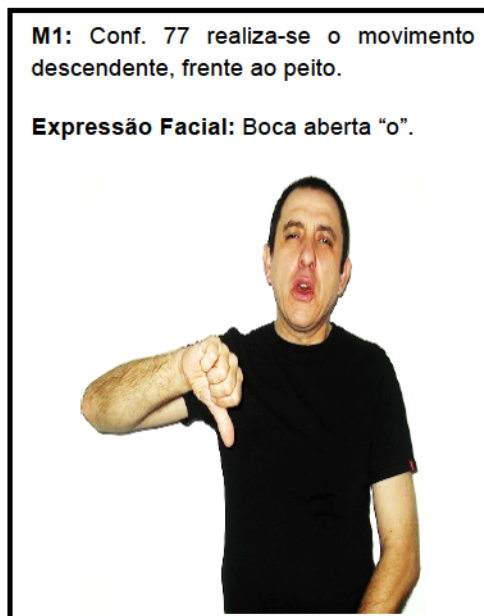


Gesto PINTO registado na presente investigação.

Figura 7. Exemplo de Alteração Parcial Silábica através de Eliminação



Gesto PIOR registado em Silva e Funk (1999)

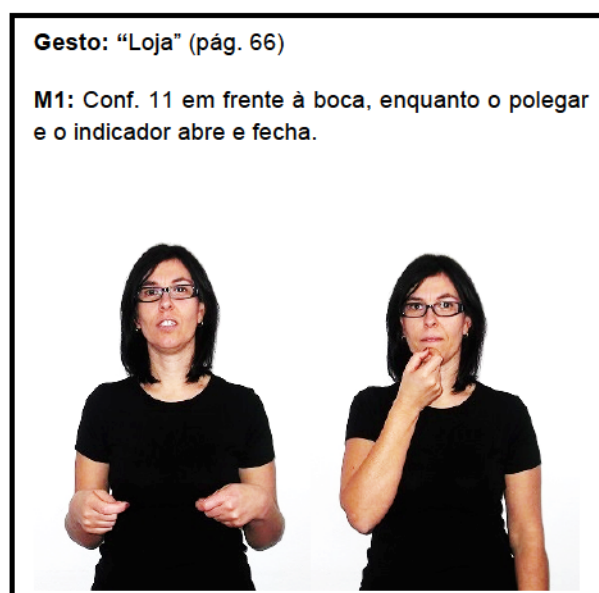


Gesto PIOR registado na presente investigação.

Figura 8. Exemplo de Alteração Parcial Silábica através de Substituição



Gesto FARMÁCIA registado em Silva e Funk (1999)



Realização do gesto FARMÁCIA realizado na presente investigação.

De forma a compreender melhor se a alteração decorre de uma evolução do gesto (Meir & Sandler, 2008) ou se é uma alteração intrínseca ao próprio gesto, procedeu-se à verificação do uso do articulador M2. Esta análise teve como objetivo verificar a presença ou a omissão do articulador M2.

Os dados recolhidos foram tratados com recurso ao Excel e, a partir desta ferramenta, foram elaborados os respetivos gráficos.

2. Questionários

De modo a entender mais eficazmente os resultados obtidos neste estudo, construiu-se um questionário para o efeito. Este questionário visou caracterizar a população-alvo e conhecer qual a perceção que os surdos inquiridos têm sobre a sua participação na comunidade surda, a importância da LGP nas suas vidas e o papel da ASISM para a manutenção e desenvolvimento da sua língua materna.

2.1. Amostra

A seleção dos inquiridos foi da responsabilidade da investigadora, tendo em conta os critérios já apresentados anteriormente (ter surdez profunda ou severa; ser ex-aluno do CEEA; utilizar a LGP como principal língua de comunicação do dia-a-dia e participar assiduamente das iniciativas da ASISM) e tiveram como objetivo permitir recolher informação substantiva relativa às diferenças entre os gestos utilizados no passado e os usados atualmente.

Para melhor compreender os resultados do estudo, aplicou-se o questionário não só aos dez participantes do estudo, mas também a mais quinze indivíduos ativos da comunidade surda dos Açores. Dos 25 indivíduos surdos que preencheram o questionário (Quadro 3), 11 sujeitos são do sexo masculino e 14 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 20 e 60 anos de idade. Do total dos participantes, 18 são surdos profundos, seis surdos severos e um possui surdez moderada. Quanto à idade em que contraíram a surdez, seis deles têm surdez pré-linguística e 19 surdez pós-linguística. Ao

nível da escolaridade, dois deles têm o Ensino Secundário, 13 o Ensino Básico, seis o 1º Ciclo e três não possuem qualquer grau académico, embora também tenham frequentado o ex-CEEA.

Quadro 3. Caracterização da amostra que preencheu os questionários (N=25)

	Sexo		Tipo de Surdez			Surdez		Idade
	M	F	Profunda	Severa	Moderada	Pré-linguística	Pós-linguística	Média ± DP
Participantes	11	14	18	6	1	6	19	40 9,5

2.2. Instrumentos de Recolha de Dados

O questionário intitulado “População Surda da Ilha de S. Miguel” (Apêndice 4) entregue aos participantes é composto por 19 perguntas: 12 perguntas visam a caracterização da população-alvo em relação ao género, idade, surdez congénita ou adquirida, tipo de surdez, idade de aquisição de LGP, profissão, escolaridade e familiares surdos; 6 questões referem-se à utilização da LG no passado e no presente. No final do questionário há uma questão sobre o papel da ASISM na promoção da comunicação em LGP.

2.3. Procedimentos de Recolha de Dados

Onze dos inquiridos preencheram o questionário presencialmente, de forma privada, na sede da ASISM. Oito dos participantes preencheram-no por via eletrónica e os seis restantes, no domicílio.

Resultados

Este capítulo encontra-se dividido em duas partes, de acordo com a ordem da metodologia descrita anteriormente. A primeira secção corresponde à exposição dos resultados da análise fonético-fonológica realizada aos dados recolhidos e a segunda diz respeito à exposição das respostas dadas ao questionário efetuado.

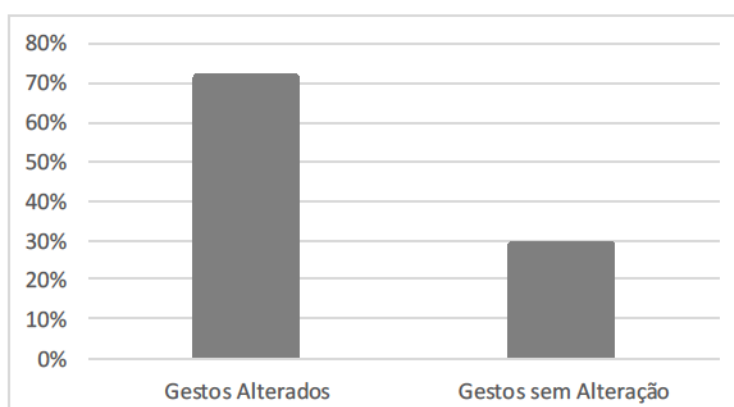
1. Resultados da Análise fonético-fonológica dos Gestos de LGP no Arquipélago dos Açores

No universo deste estudo, foram recolhidos e analisados 333 gestos a fim de se verificar se a sua realização tinha sofrido ou não alterações ao longo do tempo.

Depois de analisadas as ocorrências, apresentamos aqui os resultados das alterações correspondentes à evolução dos gestos, considerando a descrição fonológica para as línguas gestuais de Sandler e Lillo-Martin (2006) e Sandler (2008).

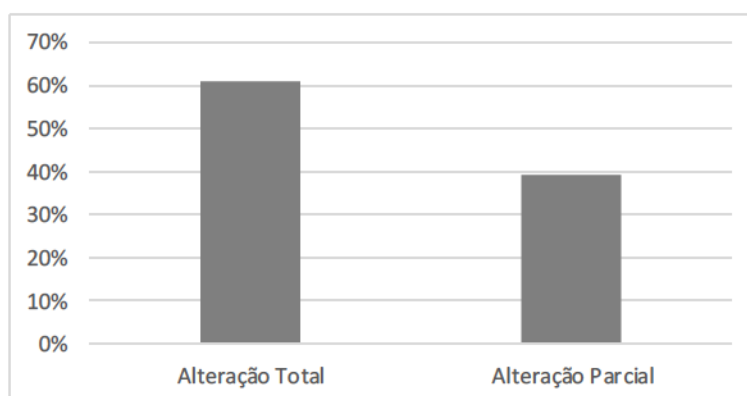
Na observação da percentagem de gestos alterados e não alterados, verifica-se que 71% deles sofreram alterações fonético-fonológicas e que apenas 29% dos gestos não sofreram qualquer alteração (Figura 9).

Figura 9. Gráfico da Percentagem de Ocorrências dos Gestos com Alteração na sua Articulação e dos Gestos sem Alteração.



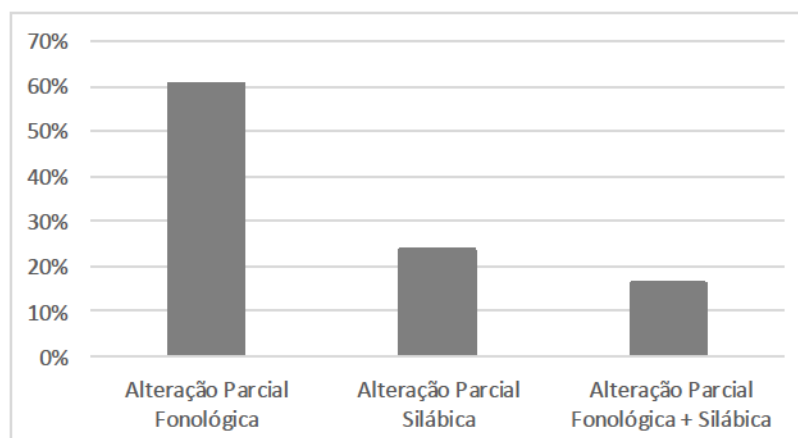
Na identificação dos gestos que registaram alterações completas a nível fonológico e os que sofreram alterações parciais, verifica-se que, de todos os gestos alterados, 61% deles sofreram uma alteração total e 39% manifestaram alterações parciais, ou seja, apenas algumas categorias fonológicas foram alteradas (Figura 10).

Figura 10. Gráfico de Percentagem de Ocorrências de Alteração Total e de Alteração Parcial.



Nos gestos alterados parcialmente, verifica-se que 60% manifestaram alterações nas categorias fonológicas, 24% sofreram modificações a nível da estrutura silábica, e 16% dos gestos registaram alterações, tanto a nível das categorias fonológicas, como a nível da estrutura silábica (Figura).

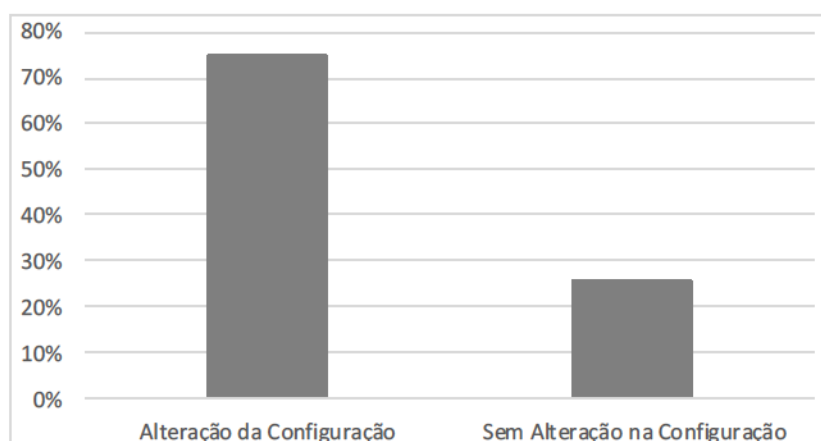
Figura 11. Gráfico de Percentagem de Ocorrências de Alteração Parcial Fonológica, de Alteração Parcial Silábica e da coocorrência de Alteração Parcial Fonológica e Silábica.



1.1. Resultados de Alteração Parcial Fonológica

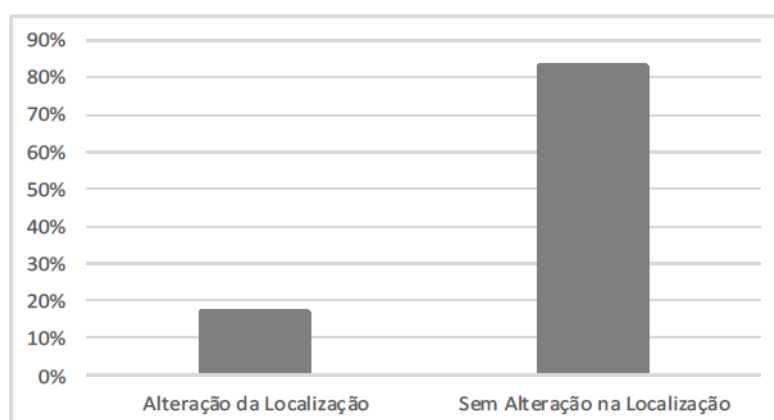
No âmbito das alterações parciais fonológicas, verificou-se que 75% dos gestos manifestaram modificação na configuração e 25% não registaram qualquer alteração na configuração (Figura 12).

Figura 12. Gráfica de Percentagem de Alteração Parcial Fonológica na Configuração e Sem Alteração na Configuração.



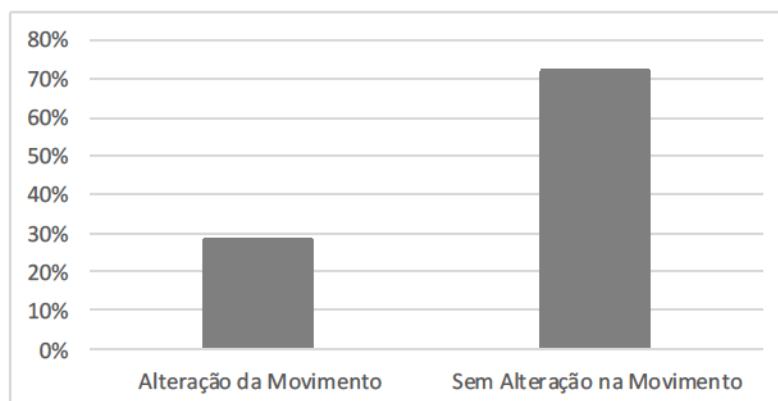
No que concerne às alterações parciais fonológicas, verificou-se que 17% dos gestos sofreram alteração na localização e 83% não manifestaram qualquer alteração neste parâmetro (Figura 13).

Figura 13. Gráfico de Percentagem de gestos com Alteração Parcial Fonológica na Localização e Sem Alteração na Localização.



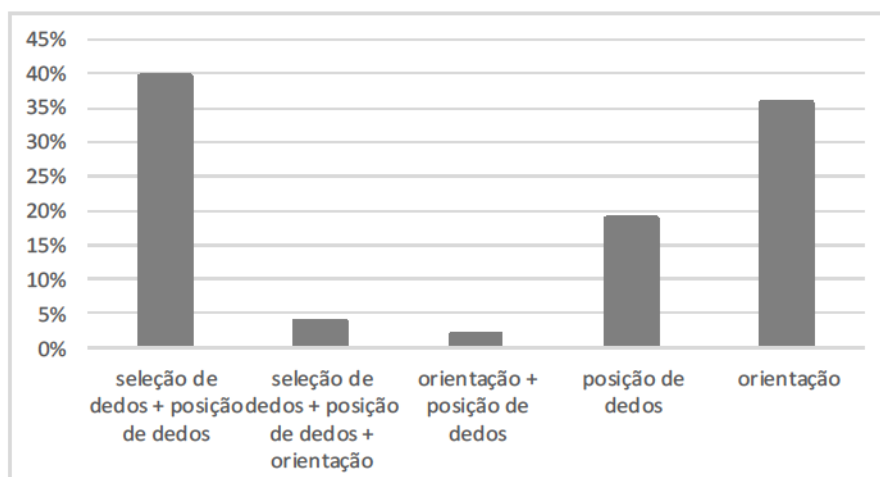
Relativamente às alterações parciais fonológicas, verificou-se que 28% dos gestos manifestaram alteração no movimento e 72% não registaram nenhuma alteração (Figura 14).

Figura 14. Gráfico de Percentagem de Gestos com Alteração Parcial Fonológica no Movimento e Sem Alteração no Movimento.



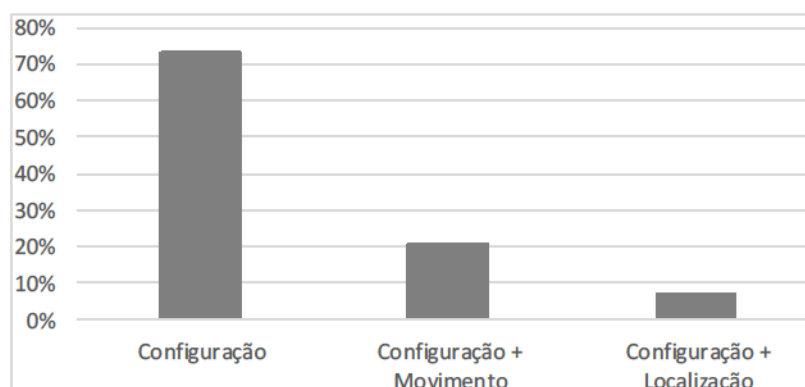
Na identificação de quais os parâmetros fonológicos alterados na categoria configuração, observou-se que as alterações mais frequentes foram a coocorrência dos parâmetros *seleção de dedos + posição de dedos* (39%) e o parâmetro *orientação* (36%). Seguidamente, surge o parâmetro *posição de dedos* (19%) e, com menos frequência, a coocorrência dos parâmetros *seleção de dedos + posição de dedos + orientação* (4%) e a coocorrência dos parâmetros *orientação + posição de dedos* (2%) (Figura 15).

Figura 15. Gráfico de Percentagem de Distribuição de Alterações dos Parâmetros Fonológicos (seleção dos dedos, posição dos dedos e orientação) da Categoria Configuração.



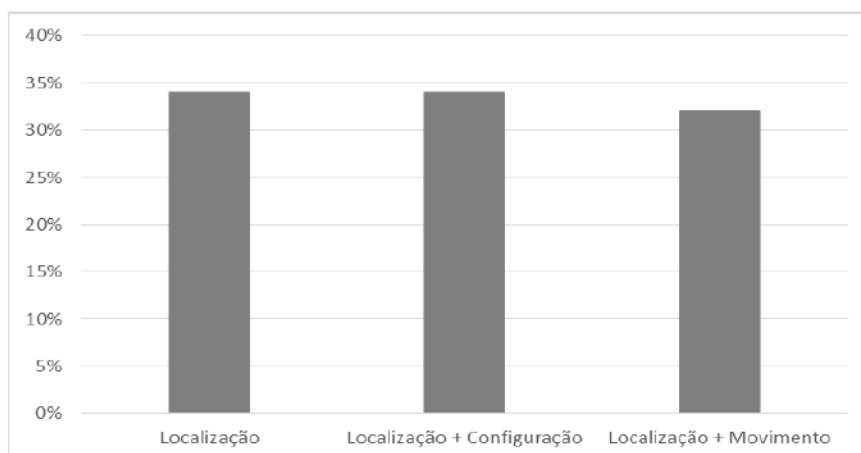
Na observação de coocorrências de outros parâmetros fonológicos com a categoria configuração, verificou-se que esta se altera em coocorrência com a localização, em 20% dos casos, e com o movimento em 7% dos casos, observando-se, ainda, que 73% das alterações na configuração são isoladas (Figura 16).

Figura 16. Gráfico de Comparação das Percentagens de Ocorrências de Alterações na Configuração com a Percentagem de Ocorrências de Alterações na Configuração Combinada com Outros Parâmetros Fonológicos.



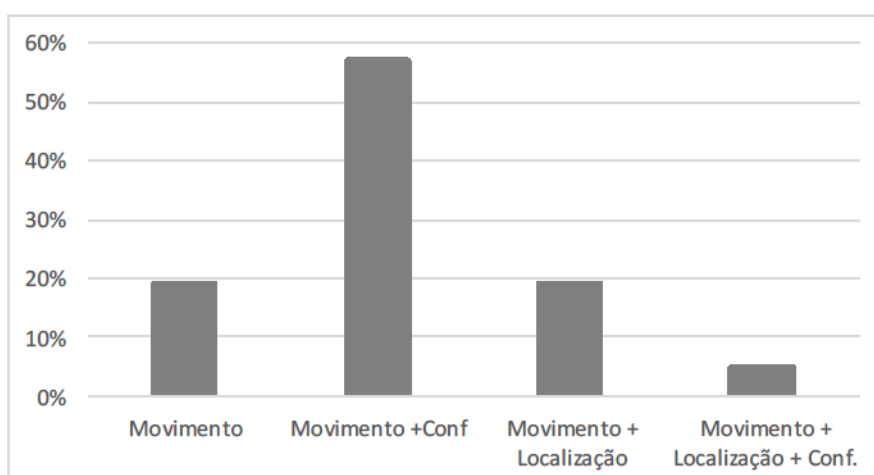
Na identificação de coocorrências de outras categorias fonológicas com a localização, verificou-se que esta categoria se altera em coocorrência com a configuração em 34% dos casos e com o movimento em 32%, verificando-se, que 34% de alterações da localização são isoladas de qualquer outra categoria fonológica (Figura 17).

Figura 17. Gráfico de Comparação das Percentagens de Ocorrências de Alterações na Localização com a Percentagem de Ocorrências de Alterações na Localização Combinada com Outra Categoria Fonológica.



Na verificação de coocorrências de outras categorias fonológicas com a categoria movimento, observou-se que esta categoria se altera em coocorrência com a configuração em 57% dos casos e com a localização em 19% das ocorrências. Registou-se, igualmente, que 19% das alterações no movimento são isoladas e que 5% dos gestos têm coocorrência do movimento, localização e configuração (Figura 18).

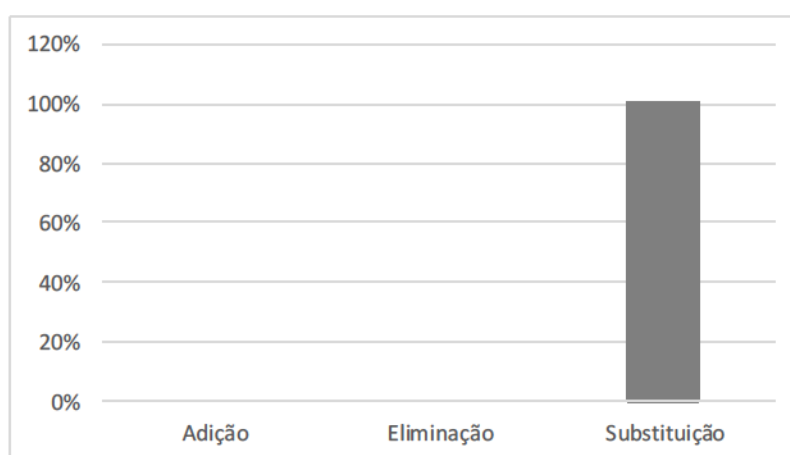
Figura 18. Gráfico de Comparação da Percentagem de ocorrências de Alterações no Movimento com a Percentagem de ocorrências de Alterações no Movimento combinada com outra Categoria Fonológica.



1.2. Resultados de Processos Fonológicos

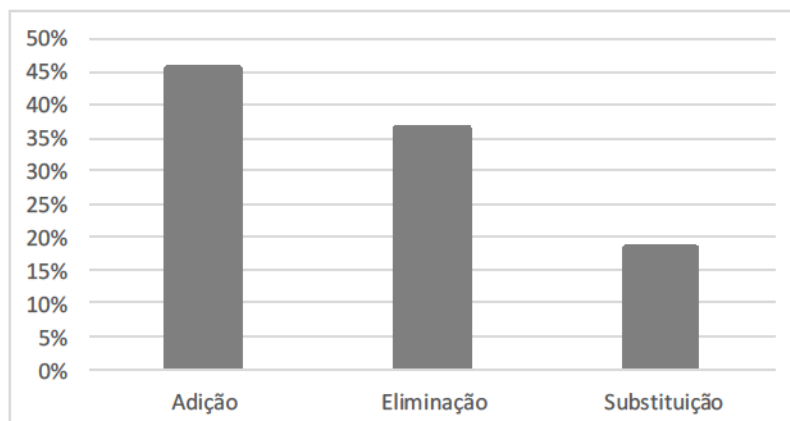
Na verificação de quais os processos fonológicos presentes nas alterações parciais, ao nível de categorias fonológicas, verificou-se que 100% das alterações parciais fonológicas são derivadas de processos de substituição. Não se registou nenhum processo de adição nem de eliminação de categorias fonológicas ou parâmetros fonológicos da configuração (Figura 19).

Figura 19. Gráfico de Percentagem de Distribuição dos Processos Fonológicos (Adição, Eliminação e Substituição) presentes nas Alterações Parciais Fonológicas.



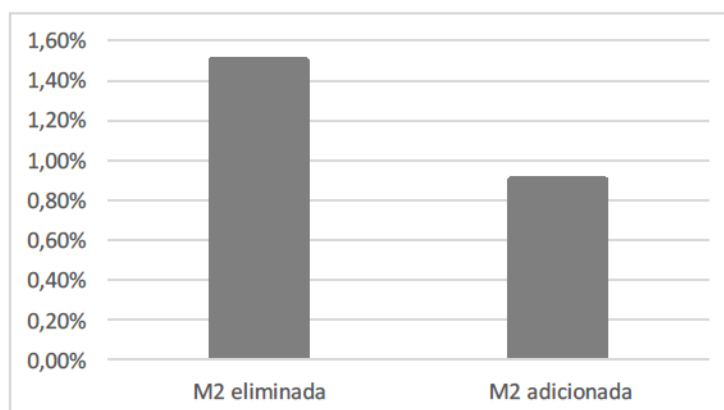
Na verificação de quais os processos fonológicos presentes nas alterações parciais ao nível da estrutura silábica, verificou-se que 45% das alterações parciais silábicas são derivadas de processos de adição; 36% são devidas a processos de eliminação e 19% resultam de processos de substituição (Figura 20).

Figura 20. Gráfico de Distribuição dos Processos Fonológicos (Adição, Eliminação e Substituição) ocorridos em Alterações Parciais Silábicas



Na análise da percentagem de gestos que sofreram eliminação ou adição do articulador M2, verificou-se que este articulador foi subtraído em 1,5% e adicionado numa percentagem de 0,9% (Figura 21).

Figura 21. Gráfico de Percentagem de ocorrências em que M2 foi eliminada e/ou adicionada.



1.3. Resultados de Alterações de Acordo com os Temas

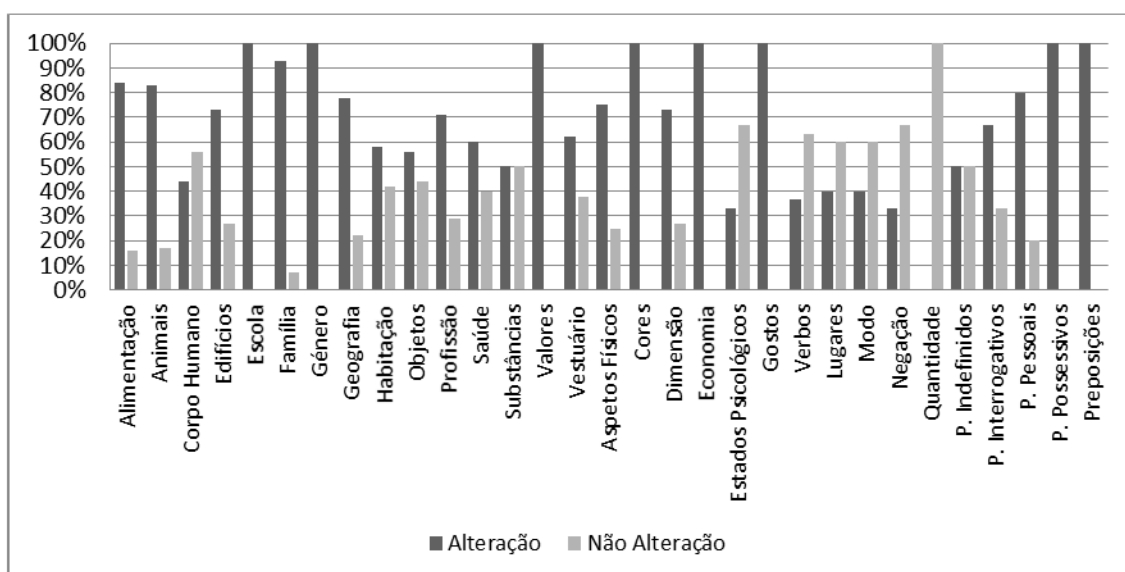
Tal como já foi referido anteriormente, os 333 gestos retirados do livro *Magia do Silêncio: Como Falar com as Mãos* estão divididos em 31 temas.

Numa perspetiva geral, analisou-se a distribuição de alterações ou não alterações entre os vários grupos de temas. Dos 31 temas analisados, nove temas (Escola; Género; Valores; Cores; Economia; Gostos; Quantidade; Pronomes Possessivos e Preposições) apresentaram alteração em todos os

gestos. O tema “Quantidade” é a única categoria que não apresenta nenhuma alteração nos seus gestos.

Nos 21 temas restantes verifica-se uma predominância de alteração nos gestos (“Alimentação”, “Animais”, “Edifícios”, “Família”, “Geografia”, “Habitação”, “Objetos”, “Profissão”, “Saúde”, “Vestúario”, “Aspetto Físico”, “Dimensão”, “Pronomes Interrogativos” e “Pronomes Pessoais”), com exceção das seis categorias “Corpo Humano”, “Estados Psicológicos”, “Verbos”, “Lugar”, “Modo” e “Negação” que registam maior número de gestos sem alterações. registam-se alterações. Verifica-se ainda que os temas “Substância” e “Pronomes Indefinidos” a percentagem de alterações foi a mesma que não alterações nos gestos (ver Figura 22).

Figura 22. Gráfico de Comparação da Percentagem de Alterações e Não Alterações nos Temas.

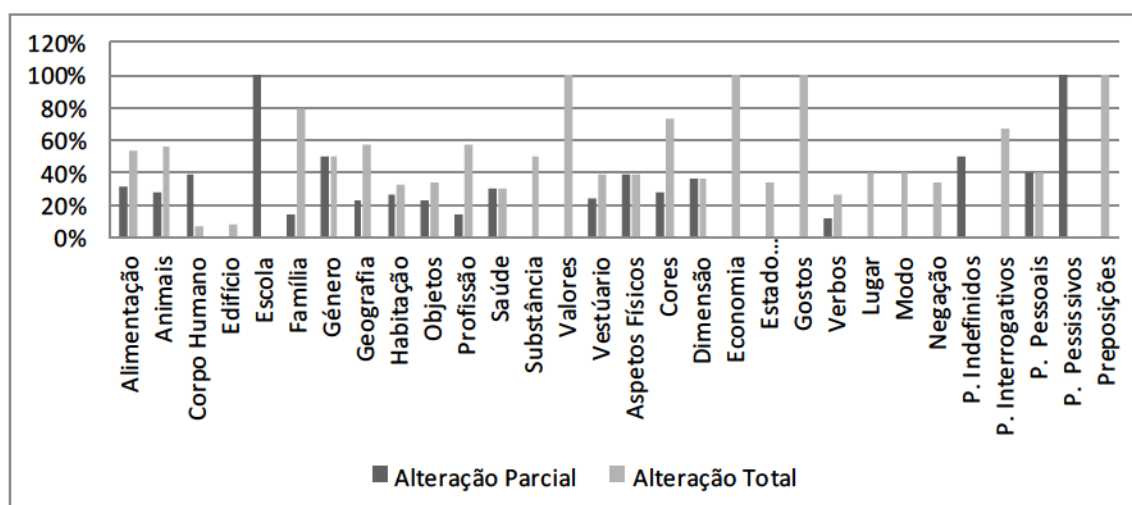


Para verificar quais os temas que sofreram um maior número de alterações totais nos seus gestos e quais as que registaram um número mais elevado de alterações parciais nos seus gestos, procedeu-se à comparação em percentagens entre estes dois tipos de alteração.

No gráfico da figura 23, são apresentadas apenas 30 dos 31 temas, uma vez que existe uma delas (Quantidade) que não regista qualquer alteração no

gesto. Verifica-se que nos três temas “Escola”, “Pronomes Possessivos” e “Pronomes Indefinidos” apenas apresentam Alteração Parcial dos gestos, e a nas 11 categorias: “Edifícios”, “Substância”, Valores”, “Economia”, “Estados Psicológicos”, “Gostos”, “Lugar”, “Modo”, “Negação”, “Pronomes Interrogativos” e “Preposições” apenas apresentam Alteração Total dos gestos. Dos restantes 16 temas, 10 temas apresentam maior percentagem de ocorrências de alterações totais - “Alimentação”, “Animais”, “Família”, “Geografia”, “Habitação”, “Objetos”, “Profissão”, “Vestuário”, “Cores” e “Verbos” -; dois temas apresentam uma percentagem mais elevada de ocorrências de alterações parciais - “Corpo Humano” e “Género”- e quatro temas apresentam igualdade na percentagem de ocorrências de alterações totais e alterações parciais - “Saúde”, “Aspeto Físico”, “Dimensão” e “Pronomes Pessoais”.

Figura 23. Gráfico de Comparação das Percentagens de Alteração Total e de Alteração Parcial nos Temas.

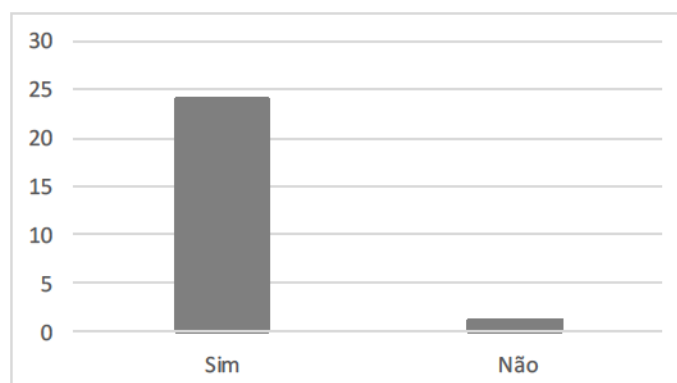


2. Resultados dos Questionários

Para compreender a perceção da população surda da Ilha de São Miguel acerca da mudança linguística, da importância da LGP para o seu quotidiano e do papel da ASISM para o conhecimento e o desenvolvimento da LGP na comunidade, passou-se um questionário a pessoas surdas gestuantes de LGP da Ilha de S. Miguel cujos dados são apresentados abaixo.

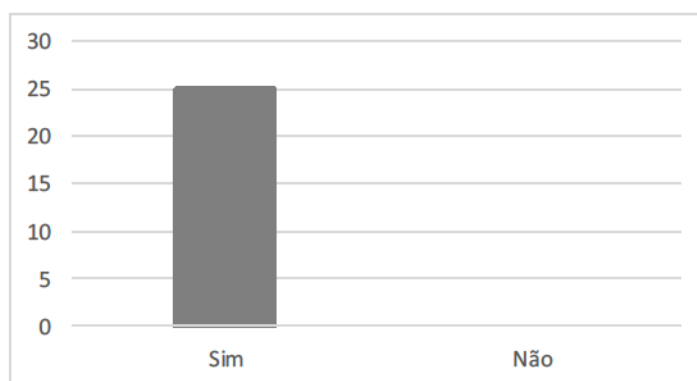
Relativamente à pergunta número 14: “*Sente que a LGP de agora é diferente de antigamente?*”; dos 25 inquiridos, 24 responderam que sim, que a LGP atual é diferente da que se usava no passado (Figura 24).

Figura 24. Gráfico de Respostas à Pergunta “*Sente que a LGP de agora é diferente de antigamente?*”.



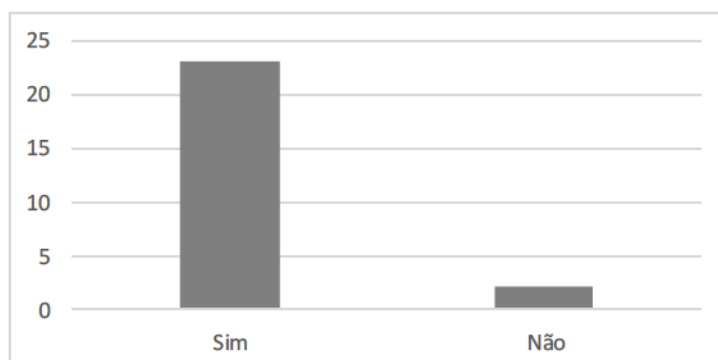
Em relação à questão número 15: “*Acha que agora há mais gestos/vocabulário do que antigamente?*”, todos os inquiridos consideram que existem mais gestos/vocabulário no presente do que no passado (Figura 25).

Figura 25. Gráfico de Respostas à Pergunta: “*Acha que agora há mais gestos/vocabulário do que antigamente?*”.



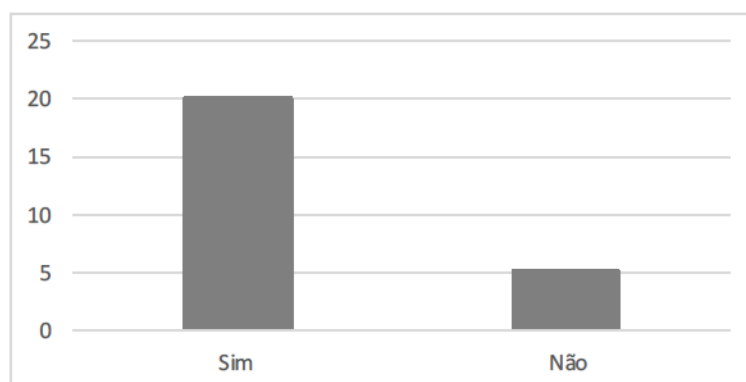
No que diz respeito à pergunta número 16: “*Tem mais confiança agora em comunicar em LGP do que antigamente?*”, verifica-se que 23 participantes sentem mais confiança atualmente em comunicar em LGP. Contudo, dois participantes consideram que não sentem diferenças (Figura 26).

Figura 26. Gráfico de Respostas à Pergunta “Tem mais confiança agora em comunicar em LGP do que antigamente?”.



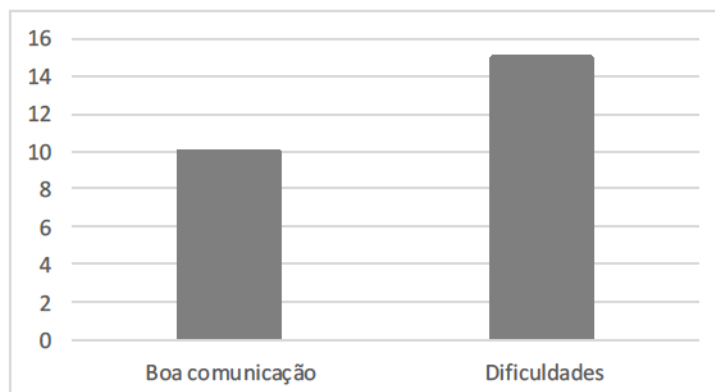
Relativamente à pergunta número 17: “*Acha que os mais jovens têm uma LGP diferente da sua?*”, 20 dos participantes consideram que os mais jovens utilizam uma LGP diferente da sua e apenas cinco referem não haver diferenças (Figura 27).

Figura 27. Gráfico de Respostas à Pergunta: “Acha que os mais jovens têm uma LGP diferente da sua?”.



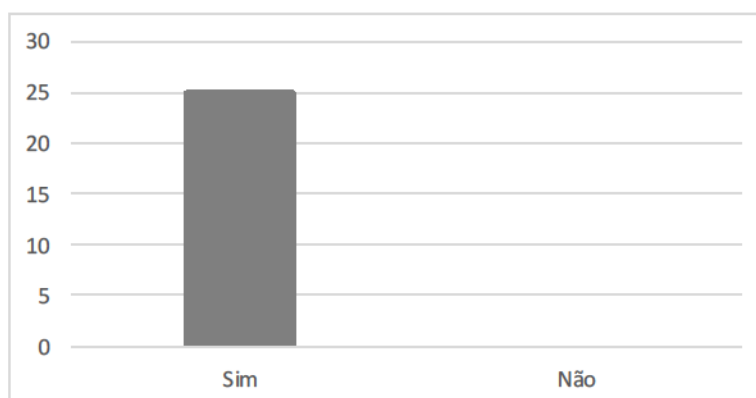
Em relação à pergunta número 18: “*Tem uma boa comunicação em LGP com os mais jovens, ou sente dificuldades de comunicação?*”, observa-se que 15 dos inquiridos consideram sentir dificuldades na comunicação com os mais jovens e 10 pensam ter uma boa comunicação com eles (Figura 28).

Figura 28. Gráfico de Respostas à Pergunta “Tem uma boa comunicação em LGP com os mais jovens, ou sente dificuldades de comunicação?”.



Quanto à pergunta número 19: “*Sente que a Associação de Surdos da Ilha de S. Miguel (ASISM) promove positivamente a comunicação em LGP entre comunidade surda*”, todos os participantes revelaram que percebem que esta associação influencia positivamente a comunicação em LGP na comunidade surda (Figura 29).

Figura 29. Gráfico de Respostas à Pergunta “*Sente que a Associação de Surdos da Ilha de S. Miguel (ASISM) promove positivamente a comunicação em LGP entre comunidade surda?*”



DISCUSSÃO

Neste capítulo, em primeiro lugar, serão discutidos os resultados da análise fonético-fonológica da variação diacrónica dos gestos da LGP nos Açores, em conjunto com o que é verificado na literatura. Seguidamente, relacionam-se os resultados dos questionários com o que foi confirmado na análise.

1. Análise fonética-fonológica dos gestos de LGP no Arquipélago dos Açores

O trabalho apresentado constitui o primeiro estudo com foco na variação diacrónica ao nível da fonética-fonologia da LGP, mais especificamente da variedade da LGP, nos Açores.

Embora a LGP se apresente como uma língua de longevidade (Morgado, 2012), na comunidade surda do arquipélago dos Açores, esta língua só se inseriu na década de 90 (Vieira-Ferreira, 2006; Medeiros 2009), permitindo que seja possível a observação das primeiras cristalizações dos gestos.

Através da análise dos resultados obtidos, pode-se afirmar que a maioria dos gestos sofreu alterações na sua articulação. A percentagem elevada de gestos alterados (71%) poderá refletir a estabilização da LGP na comunidade surda gestuante açoriana, uma vez que a atestação dos 333 gestos de Silva e Funk (1999) ocorreu durante o período de promoção de um sistema linguístico gestual para a comunicação nesta população, através de vários encontros e de formações de LGP, ASL e Língua Gestual Canadiana.

Na observação de como decorreu a alteração dos gestos ao longo deste período de emergência e de estabilização, verifica-se que, dos gestos analisados, parece haver uma maior percentagem de alterações fonológicas totais (61%); ou seja, a maioria dos gestos foi substituída por outros sinais totalmente distintos quanto à sua articulação. Estas alterações totais dos gestos poderão denotar a perda da iconicidade de alguns deles. A título de exemplo, note-se a alteração do pronome interrogativo “QUANDO” que se articulava através do desenho do ponto interrogativo no espaço em frente ao

gestuante e que, atualmente, articula-se com o gesto “TEMPO” com expressão facial associada.

Os restantes 39% dos gestos alterados sofreram modificações ao nível da sílaba e de uma ou duas categoriais fonológicas, registando-se uma prevalência neste último tipo de alterações. Estas transformações verificadas ao nível de categorias e de parâmetros fonológicos têm sido caracterizadas na literatura de referência desta área como padrões típicos no processo de estabilização das línguas emergentes (Israel & Sandler, 2011).

1.1. Alteração Parcial Fonológica

Os resultados da análise à percentagem de alterações ao nível das categoriais fonológicas revelam que a configuração é a categoria fonológica que sofre mais variação ao longo do processo de estabilização da língua, tendo as restantes categoriais - a localização e o movimento - menos alterações.

Esta variação, predominante na configuração durante o processo de emergência e de estabilização das línguas gestuais, tem sido igualmente verificada em estudos sobre línguas gestuais emergentes e gestos domésticos (*home signs*) (e.g. Israel & Sandler, 2011; Sandler, 2014; Power, 2016), e sobre a aquisição de línguas gestuais (e.g. Carmo *et al.*, 2013; Coppola & Brentari, 2014). Nestas investigações, tem-se concluído que a configuração nos primeiros estádios de emergência ou de aquisição apresenta uma maior mudança na sua representação e no próprio uso dos gestuantes (Israel & Sandler, 2011; Sandler, 2014; Power, 2016). Nas línguas emergentes, estas modificações acentuadas da configuração parecem derivar da natureza icónica do gesto, nos seus primeiros estádios de emergência (Israel & Sandler, 2011).

Ao aprofundar a análise da variação ao nível da configuração, mais especificamente, ao nível dos parâmetros fonológicos desta categoria, verifica-se que o conjunto *seleção + posição de dedos* e a ocorrência isolada do parâmetro *orientação* são os casos que manifestam uma maior frequência de alterações.

Seguindo o modelo Hand tier de Sandler e Lillo-Martin (2006), quando ocorre uma alteração fonológica ao nível do parâmetro *seleção de dedos*, os outros parâmetros: *posição de dedos* e *orientação* também se modificam, existindo, assim, uma relação de dependência entre o parâmetro *seleção de dedos* e estes dois últimos parâmetros – relação hierárquica. No entanto, neste estudo, verifica-se que 40% dos gestos com alteração na configuração apresentam mudança ao nível da *seleção de dedos* e *posição de dedos*, não se registando nestes casos variação do parâmetro de orientação em subjacência. Esta observação poderá refletir a importância da iconicidade da configuração, ao nível dos dedos, em detrimento da orientação da mão. Outra possibilidade desta observação seria haver um papel de total independência entre o parâmetro *seleção de dedos* e o parâmetro *orientação*, na representação fonológica da língua.

Os resultados da análise de possíveis coocorrências entre categorias fonológicas relevam o papel da categoria configuração na articulação do gesto, uma vez que esta categoria sofreu mais alterações isolada do que em coocorrência com outras. Para além disto, também parece ser aquela categoria com mais coocorrência, aquando das mudanças no movimento.

1.2. Processos Fonológicos

Na análise dos processos fonológicos das alterações parciais ao nível fonológico, verificou-se que todas as mudanças resultaram de um processo de substituição. Embora a literatura não apresente estudos sobre os processos fonológicos na variação diacrónica das línguas gestuais, estes são intensivamente abordados na variação diacrónica das línguas orais (e.g. Mateus 2002).

O facto de haver a possibilidade de um gesto não ser preenchido fonologicamente em todos os seu parâmetros possíveis, como, por exemplo, a existência de uma segunda localização na articulação do gesto, ou a existência de um movimento trajetório (que se realiza apenas quando o gesto tem duas localizações distintas), poderia levar a que se registassem ocorrências de

processos fonológicos de adição e/ou de eliminação. Apesar disto, uma vez que não foram registados neste estudo quaisquer processos deste tipo, ao nível das categorias fonológicas, poder-se-á sugerir que estes processos não são recorrentes na variação diacrónica das línguas gestuais, contrariamente ao que acontece nas línguas orais.

Por outro lado, nas alterações parciais silábicas registaram-se três tipos de processos fonológicos: adição, eliminação e substituição. Neste caso, o processo com maior frequência foi a adição de sílaba, seguido do da eliminação, ficando com percentagens residuais o processo de substituição de sílaba.

Uma vez que sabemos que existe uma grande tendência dos gestos das línguas gestuais serem monossilábicos, aqui poderemos ter presente a cristalização das unidades lexicais, tratando-se da adição ou da eliminação da sílaba correspondente a uma das unidades do gesto composto. Por exemplo, a adição de sílaba verificada em AMENDOIM é resultado da adição da segunda sílaba que corresponde ao gesto MACACO, ou a eliminação de sílaba, observada em MANTEIGA que, anteriormente, se articulava como AMARELO+BARRAR e, agora, se gesticula apenas com a articulação de BARRAR (ver exemplos do gesto AMENDOIM e MANTEIGA no gestuário apresentado no CD em anexo).

Por outro lado, este processo de eliminação de sílaba poderá estar relacionado com o carácter monossilábico das línguas gestuais, uma vez que se encontram gestos em que a eliminação da sílaba não está relacionada com a composição do gesto, mas sim com a sua cristalização numa articulação monossilábica. Note-se, por exemplo, o que acontece com o gesto BODE que inicialmente era realizado por uma sílaba que representa os chifres do bode, seguida da sílaba que representa a barba do bode, e que, atualmente, se realiza apenas com esta última sílaba (ver gesto no gestuário apresentado no CD em anexo). Esta cristalização do gesto de duas sílabas para uma só poderá estar relacionada também com efeitos de minimalidade, um princípio linguístico

universal que caracteriza as línguas naturais como sistemas simples e económicos (Chomsky 1998).

Um dos padrões fonológicos típicos na emergência das línguas gestuais é a utilização de um amplo número de articuladores (cabeça, mãos, pernas, pés, etc.) e o uso constante das duas mãos na articulação dos gestos (Meir & Sandler; 2008; Mineiro *et al.*, em submissão). Esta multivariabilidade de articuladores tende a ser reduzida, ao longo da estabilização da língua gestual, através do uso cristalizado das mãos como articuladores. Outro padrão da variação diacrónica que caracteriza a longevidade de uma língua gestual é a perda da mão não dominante na articulação do gesto. Com o objetivo de verificar este último padrão de variação diacrónica nos dados recolhidos, foram listados todos os processos de adição e de eliminação da mão não dominante. No entanto, atendendo a que as percentagens de ocorrências foram residuais, este padrão diacrónico das línguas gestuais não é discutido neste trabalho.

1.3. Alterações de Acordo com os Temas

Atendendo a que os gestos analisados estavam organizados por temas, importa referir que os resultados gerais de alteração não parecem estar condicionados pelo tema, uma vez que todos os temas em causa são de uso corrente.

Embora os temas que apresentam maior número de alterações totais sejam aquelas que têm um número de gestos reduzido, é interessante observar a quantidade de mudanças totais ocorridas na categoria “cores”, apesar de não se encontrar nenhum padrão fonológico nestas alterações¹⁰.

Em relação aos pronomes pessoais, é relevante considerar que as alterações poderão estar relacionadas com uma homogeneização da articulação desta classe gramatical, uma vez que se expande no espaço geográfico do gestuante, indicando o referente. Observe-se, a título de

¹⁰ Por curiosidade, se comparássemos diretamente a LGP, variedade dos Açores, com o estudo do desenvolvimento das línguas com base nos nomes de cor básicos (Berling & Kay 1969/1999: 22-23), a LGP apresentar-se-ia no estágio VII de desenvolvimento da língua e não num estágio de pós emergência.

exemplo, o pronome pessoal EU que passa a ser configurado como o pronome ELE, distinguindo-se apenas na localização espacial. Esta homogeneização na articulação de elementos da mesma classe gramatical apresenta-se como sendo uma cristalização dos elementos gramaticais da língua.

De acordo com a revisão bibliográfica, podemos afirmar que todas as alterações analisadas, à semelhança do que acontece com as línguas orais, a LGP, variedade dos Açores, se encontra em constante alteração ao longo do tempo. Contudo, não se trata de mudanças drásticas ou bruscas, mas transitórias, levando a que determinados gestos se mantenham no tempo, enquanto outros sofrem alterações ou são completamente substituídos.

A evolução e a variação diacrónica da LGP nos Açores, principalmente na ilha de S. Miguel, deu-se através de inúmeros fatores que contribuíram para o seu crescimento, nomeadamente fatores geográficos, sociais, culturais e linguísticos. Em primeiro lugar, salienta-se a implementação do projeto piloto de inovação pedagógica “Projeto Educativo do Surdo – Educação Bilingue”, no ex- CEEA, em 1986. No âmbito deste projeto, promoveu-se a formação de três surdas da região em Língua Gestual Portuguesa (LGP), com a colaboração da Secretaria Nacional da Reabilitação e Associação Portuguesa de Surdos (APS), o que permitiu a inclusão de aulas de LGP nos *curricula* dos alunos e o ensino desta língua a professores, funcionários e famílias. Este projeto pedagógico determinou a mudança de paradigma na educação dos surdos da região e todo o desenvolvimento subsequente da LGP, variedade açoriana, até à criação da ASISM.

É de evidenciar o papel desta associação, criada em 1993, em Ponta Delgada, que se tornou ponto de encontro e convívio para os demais surdos que, até então, viviam isolados nas suas freguesias e sem qualquer contato quer com a língua quer com comunidade surda. Para além disto, neste mesmo ano e após a ida de uma cidadã surda açoriana para o continente português por um ano, para aprofundar os seus conhecimentos sobre esta língua na

Associação de Surdos de Lisboa, foi possível iniciar ações de formação junto de adultos surdos, para que os mesmos divulgassem e ensinassem a LGP junto da comunidade surda açoriana.

Das ações mais significativas realizadas pela ASISM é de referir o Intercâmbio de Jovens Surdos realizado em 1999, que trouxe à Ilha de S. Miguel 35 jovens surdos. Este projeto foi extremamente importante para os jovens e adultos açorianos, pois permitiu-lhes a aquisição de um vasto leque de vocabulário que, até então, poucos conheciam, e o aprofundamento da sua língua materna.

Posteriormente, e já em meados de 2006, criou-se a primeira UNECA de surdos na Região Autónoma dos Açores, tendo como sua colaboradora a cidadã surda que, anos antes, tinha tirado o seu curso de formadora de LGP, em Lisboa, no âmbito do “Projeto Educativo do Surdo - Educação Bilingue”. Esta UNECA permitiu que os alunos surdos, que, anteriormente, se encontravam isolados nas suas escolas e nas suas turmas regulares, pudessem estudar todos numa mesma unidade orgânica, partilhando um espaço comum, quer para convívio, quer para a aquisição de novas aprendizagens. É importante referir a importância que esta UNECA teve, na altura, a nível do desenvolvimento linguístico, pois, aqui, os surdos das diferentes áreas geográficas de S. Miguel desenvolveram a sua identidade, comunicando uns com os outros na sua língua materna.

Por fim, regista-se, como mais um marco importante na variação linguística gestual, o aparecimento de nova legislação, a publicação do Decreto-lei nº 3/2008, dirigida à educação de surdos, que levou à criação da Escola de Referência para a Educação Bilingue de Surdos, em 2009, na Ilha de São Miguel.

Estas alterações legislativas permitiram uma evolução significativa nas aprendizagens linguísticas dos alunos surdos. Com efeito, pela primeira vez, passaram a existir docentes surdos e ouvintes licenciados em LGP, deslocados do continente português para trabalharem nesta mesma escola, que, para além

do mais, serviram de modelos para a criação/sedimentação de uma identidade surda forte. Através das diferentes dinâmicas educativas implementadas nesta escola, orientadas por estes profissionais, as crianças e os jovens surdos tiveram a oportunidade de se desenvolverem globalmente e de mostrarem o que iam aprendendo à comunidade educativa.

A possibilidade de haver deslocações de surdos da região ao continente e vice-versa constituíram também fatores determinantes na evolução da LGP na região Açores, pois permitiram que esta língua evoluísse e se tornasse mais rica, dentro da comunidade surda açoriana.

Por tudo isto, facilmente se pode concluir que a LGP, variante açoriana, é uma língua em transformação, fruto de vários fatores de ordem social, política e cultural que determinam as suas mudanças linguísticas.

2. Questionários

Neste estudo importa ainda salientar o importante papel da amostra selecionada, no sentido de ajudar a compreender os resultados obtidos aquando da análise dos gestos.

De um universo de 25 indivíduos surdos, entre homens e mulheres, e com idades compreendidas entre os 20 e os 60 anos de idade, foi possível observar como o desenvolvimento social, familiar, escolar e laboral de cada um levou a mudanças, nomeadamente, linguísticas. Observa-se que, nos indivíduos com baixa escolaridade ou analfabetismo, a aquisição da língua gestual se fez através de códigos, em seios familiares de baixos rendimentos económicos. Esta situação, por sua vez, levou à tardia aprendizagem da LGP, apresentando estes surdos, por isso, maiores dificuldades na aprendizagem desta língua.

Já a comunidade surda mais jovem, fruto de uma educação bilingue, revelou maior facilidade, quer na aquisição de novo vocabulário gestual, quer no ensino da LGP aos surdos com mais idade. Acresce-se o facto de os jovens, ao contrário do que acontecia antigamente, terem oportunidade de sair das ilhas do arquipélago dos Açores e contatarem com novas realidades e

novas pessoas surdas, o que lhes permitiu um crescimento pessoal significativo por comparação com os mais velhos.

Torna-se, ainda, necessário salientar que o momento de aquisição da língua gestual, associado ao contexto familiar, também influencia a aprendizagem desta mesma língua. Foi possível observar indivíduos que adquiriram tardiamente a língua gestual mas, pelo facto de serem jovens e estudantes, pelo facto de saírem para o continente e outros países, rapidamente desenvolveram a LGP e melhoraram a comunicação. Por outro lado, observou-se que alguns dos indivíduos que adquiriram a LGP em simultâneo com a entrada na escola ou mais precocemente, em alguns dos casos, têm vindo a perder vocabulário, logo, comunicando gestualmente de uma forma mais pobre, pelo facto de viverem isolados nas suas freguesias, não tendo qualquer contato com a comunidade surda.

Os resultados obtidos com os questionários realizados foram uma ferramenta essencial, porque permitiram perceber como as diferentes gerações comunicam entre si e com os outros. Observou-se que existem dificuldades comunicacionais mais significativas quando relacionadas com as diferenças de idade. Os surdos mais velhos selecionados para este estudo têm muitas dificuldades em entender e comunicar com os surdos mais jovens, na medida em que estes últimos possuem um vocabulário mais rico e expressivo do que eles.

Para além de tudo isto, ficamos a saber que os 25 indivíduos surdos do universo desta investigação consideram a abertura da ASISM um marco importante para a comunidade surda da região, no sentido em que agora possuem um espaço de convívio, comunicação e de crescimento, a nível da sua autonomia e vida comunitária.

3. Limitações Encontradas e Sugestões para Futuros Estudos

Uma das limitações deste estudo prende-se com o facto de a recolha de gestos não ter sido realizada metodologicamente de forma homogénea com todos os participantes, devido ao facto de dois dos participantes serem

iletrados e algumas das categorias serem difíceis de representar por imagem. Sugere-se, que, num futuro estudo, se elicitem os gestos a um maior número de gestuantes surdos do arquipélago dos Açores, de forma a poder haver uma comparação entre gestuantes com características semelhantes.

Poderá também ser considerado como limitação, o facto de se falar de uma análise à LGP do arquipélago dos Açores e não à LGP da Ilha de São Miguel, embora a maioria dos surdos do estudo seja desta ilha. Salienta-se, no entanto, que é na Ilha de São Miguel que está representada a comunidade surda açoriana e que nas restantes ilhas os gestuantes surdos encontram-se mais isolados e, muitas vezes, com a língua oral portuguesa em prevalência.

Uma vez que se trata de uma análise fonético-fonológica dever-se-iam ter considerado os parâmetros fonológicos de todas as categorias fonológicas e incluir a expressão facial. No entanto, neste estudo pretendeu-se apenas verificar os padrões típicos da variação diacrónica das línguas gestuais, daí não se ter incluído estes parâmetros. Sugere-se, por isso, que num futuro trabalho se aprofunde a análise dos parâmetros em falta e a análise das expressões faciais. Sugere-se, também, que a questão da iconicidade e da arbitrariedade dos gestos seja igualmente estudada futuramente.

CONCLUSÃO

O estudo da variação diacrónica dos gestos da variedade da LGP nos Açores, nomeadamente na Ilha de São Miguel, surgiu com a necessidade de compreender o desenvolvimento desta variedade linguística numa comunidade isolada geograficamente.

Conclui-se que os gestos desta variedade linguística têm sofrido alterações nos últimos anos, como se de uma estabilização da língua se tratasse. Padrões típicos de cristalização das línguas gestuais emergentes foram encontrados nestes estudos: (i) maior variação na categoria fonológica da configuração; (ii) variação acentuada na *seleção de dedos e posição de dedos* e na *orientação* do articulador; (ii) aumento de gestos de natureza arbitrária; e (ii) homogeneização na articulação de gestos da mesma classe gramatical.

Neste estudo verifica-se que se por um lado o processo fonológico de substituição é o processo recorrente na variação de categorias e de parâmetros fonológicos, por outro lado são os processos de adição e de eliminação que predominam na variação silábica.

Esta variação diacrónica da LGP nos Açores parece ser influenciada por fatores de influência linguística da língua gestual americana e do Canadá e da aproximação de jovens e adultos surdos residentes noutros pontos do País gestuantes de uma variedade de LGP distinta, e por fatores extralinguísticos como o isolamento geográfico da região do Arquipélago dos Açores ou o aparecimento de novas tecnologias e o conseqüente acesso à informação.

Conclui-se que embora haja variação linguística entre jovens e adultos surdos gestuantes, a comunidade surda açoriana acompanha e identifica-se com o desenvolvimento e a estabilização da sua língua

Este estudo pretende contribuir para a caracterização da variação diacrónica das línguas gestuais, promovendo também a descrição e o conhecimento linguístico da LGP e da variedade da LGP nos Açores.

O presente trabalho resulta na sua forma materializada numa lista de 333 gestos atuais atestados com a forma antiga correspondente, que serão disponibilizados em formato digital para toda a comunidade surda portuguesa.

Essencialmente, este estudo foi realizado tendo por base o respeito por uma comunidade com uma identidade e cultura próprias que, tal como em todas as comunidades, sofre alterações a diversos níveis à medida que se inserem na sociedade, levando a que a própria comunidade sinta essas influências quer na sua forma de estar como na sua forma de comunicar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amaral, M. A.; Coutinho, A. & Martins, M.R.D. (1994). *Para uma gramática da Língua Gestual Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Battison, R. (1978). *Lexical Borrowing in American Sign Language*. Linstok Press, Silver Spring, MD (reimpresso em 2003, Linstok Press).
- Berlin, B. (1969/1999). *Basic color terms – Their universality and evolution*. Standford: CSLI Publications.
- Brentari, D. & Goldsmith, J. A. (1993). Secondary licensing and the non-dominant hand in ASL phonology. Em Geoffrey R. Coulter (editor) *Current issues in ASL phonology* (pp. 19-41). Nova Iorque, São Francisco, Londres: Academic Press.
- Brentari, D. (1990). *Theoretical foundations of American Sign Language phonology*. Dissertação de Doutoramento, University of Chicago.
- Brentari, D. (2011). Handshape in sign language phonology. Em van Oostendorp et al (Editores). *Companion to phonology* (pp. 195-222).
- Brentari, D., González, C., Seidil, A., Wilbur, R. (2011). Sensitivity to visual prosodic cues in signers and nonsigners. *Language and Speech* 54(1), 49-72.
- Campbell, L. (1998). *Historical Linguistics. An Introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Carmo, P. (2010). *Aquisição da Língua Gestual: estudo longitudinal de uma criança surda dos 10 aos 24 meses*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Católica Portuguesa.
- Carmo, P.; Mineiro, A.; Branco, J.; Muller de Q., R.; Castro-Caldas, A. (2013). Handshape is the hardest path in Portuguese Sign Language Acquisition: Towards a universal modality constraint. *Sign Language & Linguistics*, 16 (1), 75-90.

Censos, 2011.

http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_det&contexto=pu&PUBLICACOESpub_boui=156658963&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1&pcensos=61969554

Chambers, J. K.. & Trudgill, P. (1998). *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press.

Chomsky, N. (1994). *O conhecimento da língua. Sua natureza, origem e uso*. Lisboa: Editorial Caminho.

Chomsky, N. (1999). O programa minimalista. Traduzido por Eduardo Paiva Raposo. Lisboa: Editorial Caminho.

Coppola, M. & Brentari, D. (2014). From iconic handshapes to grammatical contrasts: longitudinal evidence from child homesigner. *Frontiers in Psychology*, 5 (830), 1-23.

Coulter, G. (1982). On the nature of ASL as a monosyllabic language. Comunicação apresentada no encontro anual da Sociedade da América de Linguística. São Diego: Califórnia. *Current issues in ASL phonology, phonetics and phonology*, 3, 103-129.

Cunha, C. & Cintra, L. (1984). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.

Ferreira, M. B., Carrilho, E., Lobo, M.; Saramago, J. & Cruz, L. S. (1996). Variação linguística: perspectiva dialectológica. Em: Faria, I. H.; Pedro, E.R.; Duarte, I.; Gouveia, C. (Editores). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa* (pp. 479-5-4). Lisboa: Caminho.

Fischer, S. D. & van der Hulst, H. (2011). Sign Language Structures. In Mark Marschark & Patricia Elizabeth Spencer (Eds.). *The Oxford Handbook of Deaf Studies, Language, and Education, Volume 1, 2nd Edition*, 336-349. Oxford: Oxford University Press.

- Frishberg, N. (1975). Arbitrariness and iconicity: historical change in American Sign Language. *Language*, 51, 696-719.
- Israel, A. (2009). *Sublexical variation in three sign languages*. Dissertação de mestrado apresentada na Universidade de Haifa.
- Israel, A. & Sandler, W. (2011). Phonological category resolution: A study of hand shapes in younger and older sign languages. Em Channon & van der Hulst (Editores). *Formational units in sign language*, (pp. 177-202). Nijmegen/Berlin: Ishara Press/ Mouton de Gruyter.
- Klima, E.S., & Bellugi, U. (1979). *The signs of language*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Liddell, S. K. & Johnson, R.E. (1989). American Sign Language: the phonological base. *Sign Language Studies* 64, 197-277.
- Lima, J. Á. (2006). Ética na investigação. Em J. Á. Lima & J. A. Pacheco (Orgs.), *Fazer investigação: contributos para a realização de teses e dissertações*. Porto: Porto Editora.
- Mateus, M. H. (2002). *Variação e variedades: o caso do português*. Conferência proferida na Universidade Eduardo Mondlane (Maputo) em maio de 2002. Disponível em: <http://www.ilttec.pt/pdf/wpapers/2002-mhmateus-variacao.pdf>
- Mateus, M. H. (2005). A mudança da língua no tempo e no espaço. Em Mateus, M. H. & Nascimento, F. B. (Editores). *A Língua Portuguesa em Mudança*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Medeiros, M. C. C. (2009). *Leitura e Surdez: Programa Multimédia e Orientações para Promover a Compreensão Leitora*. Coingra, Ponta Delgada: Edição da DRE
- Meir, I. & Sander, W. (2008). *A language in space: The story of Israel Sign Language*. Mahwah, NJ & Nova Iorque: Lawrence Erlbaum/ Taylor & Francis.

- Meir, I.; Israel, A.; Padden, C. & Aronoff, M. (2012). The influence of community on language structure: Evidence from two young sign languages. *Linguistic Variation*, 12(2), 247-291.
- Mineiro, A. & Colaço, D. (2010). *Introdução à Fonética e Fonologia na LGP e na Língua Portuguesa*, ed. 1, 1 vol. Lisboa: UCeditora.
- Mineiro, A. (2009). *Introdução aos Estudos Linguísticos*, ed. 1, 1 vol. Lisboa: UCeditora.
- Mineiro, A.; Carmo, P.; Carvalho, S.; Carocha, C.; Moita, M.; Zakir, A. (em submissão). Emerging Linguistic Features of Sao Tome and Principe Sign Language.
- Moita, M.; Carmo, P.; Ferreira, J. P. & Mineiro, A. (2011). Estudos preliminares para a modelização de um avatar para a LGP: os descritores fonológicos. *Cadernos de Saúde*, 4(2), 25-35.
- Moita, M.; Carmo, P.; Ferreira, J.P. & Mineiro, A. (2012). A preliminar description and analysis of the phonology of Portuguese Sign Language for computational modelling purposes. Apresentação de poster na Conferência *Formal and Experimental Advances in Sign language Theory*, junho 2012, Polónia, Varsóvia.
- Morgado, M. (2012). *Ensinar e aprender a Língua Gestual Portuguesa como L2*. Lisboa:UCeditora
- Perniss, P., Thompson, R. L. & Vigliocco, G. (2010). Iconicity as a General Property of Language: Evidence from Spoken and Signed Languages. *Frontiers in Psychology*, 1, 1-15.
- Power, J. (2016, janeiro). *Handshapes in Afghan Sign Language: Evidence of contrast in a young sign language*. Poster apresentado em The 12th International Conference on Theoretical Issues in Sign Language Research (TISRL12)

- Prata, M. I. (1980). *Mãos que falam*. Lisboa, Portugal: Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras/Universidade de Lisboa e Direção Geral do Ensino Básico.
- Sandler, W. & Lillo-Martin, D. (2006). *Sign Language and Linguistics Universals*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Sandler, W. (1989). Phonological Representation of the Sign: Linearity and non linearity in American Sign Language. Dordrecht: Foris.
- Sandler, Wendy. 2005. An overview of sign language linguistics. In Keith Brown (Ed.), *Encyclopedia of language and linguistics*, 2nd ed., 328-338. Oxford, UK: Elsevier.
- Sandler, W. (2008). The syllable in sign language: considering the other natural language modality. Em Barbara Davis e Kristine Zajdo (editors), *Ontogeny and Phylogeny of Syllable Organization, Festschrift in Honor of Peter MacNeilage* (pp. 379-408). New York: Taylor Francis.
- Sandler, Wendy. (2014). The Emergence of phonetic and phonological features in sign language. Em Martin Krämer, Sandra-Iulia Ronai and Peter Svenonius (Eds.). *Nordlyd 41.1*, Special issue on Features, 183-212.
- Saussure, F. de. (2006). *Curso de lingüística geral*. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27^a ed. São Paulo: Cultrix.
- Silva, M. C. C.M. & Funk, M.G.B. (1999). *A Magia do Silêncio: Como Falar com as Mãos*. Coingra, Ponta Delgada: Edição Gabinete da Presidência do Governo Regional dos Açores
- Sousa, M.C. P. (2006). Lingüística Histórica. Em: Pfeiffer, C. & Nunes J. H. (Editores). *Introdução às ciências da linguagem: Linguagem, história e conhecimento* (pp. 11-48). Campinas: Pontes Editores Ltda.
- Stokoe, W. C. (1960). *Sign language structure: An outline of the visual*

- communication systems of the American deaf. *Studies in Linguistics: Occasional Papers*, 8. Buffalo: University of Buffalo.
- Taub, S. F. (2000). Iconicity in American Sign Language: Concrete and metaphorical applications. *Spatial Cognition and Computation*, 2(1), 31-50.
- Taub, S. F. (2001). *Language from the Body - Iconicity and Metaphor in American Sign Language*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- van der Hulst, H. (1993). Units in the analysis of sings. *Phonology*, 10, 209 - 242.
- Woll, B.; Sutton-Spence, R. & Elton, F. (2001). Multilingualism: the global approach to sign language. Em Lucas, Ceil (Ed.). *The sociolinguistics of sign language* (pp. 8-32). Cambridge, UK: Cambridge University Press.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – CONSENTIMENTO INFORMADO



Documento do Consentimento Informado

IMPORTANTE!

A privacidade da sua família é muito importante. Os vídeos que filmarmos consigo serão utilizados apenas no âmbito de um trabalho de investigação em linguística da Língua Gestual Portuguesa (LGP) do Mestrado em Língua Gestual Portuguesa e Educação de Surdos. **Nunca** serão vendidos para obtenção de lucros, **nunca** circularão acessíveis ao público em geral na internet e **nunca** serão disponibilizados para a comunidade sem o seu consentimento. O seu consentimento é completamente opcional! O senhor/senhora **não tem nenhuma obrigação** de dar permissão à gravação.

1- Autorização para mostrar as gravações contendo o senhor/senhora:

Temos permissão para mostrar as gravações contendo o senhor/senhora para serem transcritas pelos alunos e/ou assistentes da investigação do Centro de Investigação Interdisciplinar de Saúde (CIIS) na UNIVERSIDADE CATÓLICA?

Sim ____ Não ____

Podemos partilhar as gravações contendo o senhor/senhora com outros investigadores que também estejam a analisar o comportamento linguístico da LGP?

Sim ____ Não ____

Podemos utilizar partes das gravações ou imagens contendo o senhor/senhora em publicações científicas que decorram desta investigação?

Sim ____ Não ____

Podemos mostrar pequenas partes das gravações ou imagens contendo o senhor/senhora em conferências e workshops sobre linguística das Línguas Gestuais?

Sim ____ Não 2-

2- Manutenção dos Vídeos:

Curto prazo - Uma vez que a recolha de dados para este trabalho de mestrado termine e que este seja avaliado pela Professora Doutora Ana Mineiro [por favor escolha apenas uma opção]:

A Doutora Ana Mineiro, os investigadores do CIIS e os alunos do decorrente Mestrado podem continuar a utilizar as gravações em que eu apareço enquanto estiverem envolvidos neste tema de investigação. Não desejo ser contactado/a para renovar a minha autorização.

Desejo que a Doutora Ana Mineiro, os investigadores dos CIIS e os alunos do decorrente Mestrado não utilizem mais as gravações em que eu apareço.

Longo prazo na Instituição - Quando a Doutora Ana Mineiro ou o CIIS de alguma forma deixarem de estar envolvidos na investigação sobre a linguística das Línguas Gestuais, desejo que as gravações em que eu apareço [por favor escolha apenas uma opção]:

Me sejam devolvidas.

Sejam doadas a um arquivo de dados localizado na UCP, para que possam continuar a ser utilizadas na investigação em linguística das línguas gestuais pelos alunos da UCP bem como pelo corpo docente.

Sejam destruídas.

Para ser assinado pelo informante (autorização para utilização da filmagem):

Dou autorização que eu, _____, seja filmado/a como parte dos dados recolhidos no âmbito de um trabalho de linguística para a LGP, filmagens que serão utilizadas de acordo com as preferências que manifestei acima.

Assinatura do Informante

Nome Legível

Data

Assinatura do Investigador

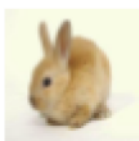
Nome Legível

Data

APÊNDICE 2 – INSTRUMENTO PARA ELICITAÇÃO DE GESTOS DE ANIMAIS



coelho



formiga



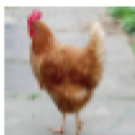
gato



crocodilo



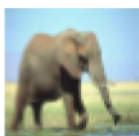
galinha



girafa



elefante



galo



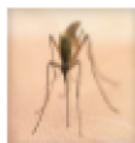
lapa



leão



mosquito



pato



macaco



ovelha



peru



mosca



pássaro



pinto



polvo



rato



tigre



porco



serpente



vaca



rã



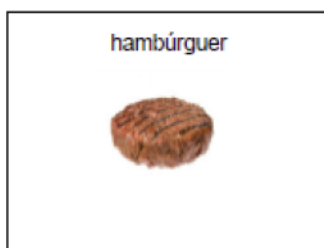
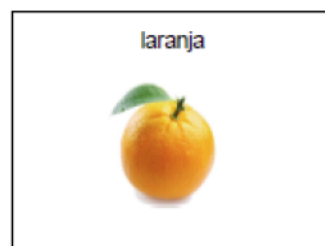
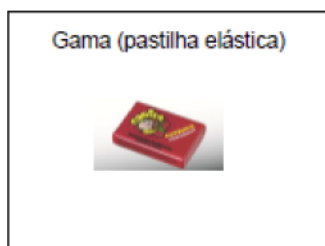
tartaruga



zebra



APÊNDICE 3 -- INSTRUMENTO PARA ELICITAÇÃO DE GESTOS DE ALIMENTOS



leite



manteiga



melão



limão



marmelada



milho (seco)



maçã



melancia



milho (maçaroca)



morcela



pão



pera



óleo



pão de forma



pimenta



ovo



peixe



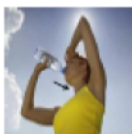
prato



queijo



sede



uva



sal



sopa



vinagre



sanduche



tomate



vinho



APÊNDICE 4 – QUESTIONÁRIO



QUESTIONÁRIO

POPULAÇÃO SURDA DA ILHA DE S.MIGUEL

Nome: _____

- 1) M: ___ ou F: ___ 2) Idade: _____
- 3) Surdez à Nascimento: Sim ___ Não ___
- 4) Surdez de Pré-Linguística: Sim ___ Não ___
- 5) Tipo da Surdez: _____
- 6) Idade de aquisição da LGP: _____
- 7) Profissão: _____
- 8) Escolaridade: _____
- 9) Pais surdos: Sim ___ Não ___
- 10) Irmãos surdos: Sim ___ Não ___
- 11) Familiares surdos: Sim ___ Não ___
- 12) Participa / ou é membro ativo na comunidade surda?

Sim ___ Não ___

13) Antes de adquirir LGP como como comunicava:

Mímica _____ Código gestual _____ Língua oral _____

14) Sente que a LGP de agora é diferente de antigamente?

Sim____ Não____

15) Acha de agora há mais gestos/vocabulário do que que antigamente?

Sim____ Não____

16) Tem mais confiança comunicar em LGP agora do que antigamente?

Sim____ Não____

17) Acha que os jovens têm uma LGP diferente da sua?

Sim____ Não____

18) Tem um boa comunicação em LGP com os jovens, ou sente dificuldades de comunicação?

Dificuldades:____ Boa comunicação:_____

19) Sente que a Associação de Surdos da Ilha de S. Miguel (ASISM) promove positivamente a comunicação em LGP entre comunidade surda?

Sim_____ Não_____

ANEXOS

ANEXO 1 – LISTA DE CONFIGURAÇÕES DE MOITA ET AL. 2011

CONFIGURAÇÕES

